



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BÁRBARA NOLE BRANDÃO COSTA

**RELATOS DE UMA GUERRA: PERCEPÇÕES DE SOLDADOS
ESTADUNIDENSES E CIVIS IRAQUIANOS SOBRE A INVASÃO DO
IRAQUE EM 2003**

São Cristóvão/SE

2022

BÁRBARA NOLE BRANDÃO COSTA

**RELATOS DE UMA GUERRA: PERCEPÇÕES DE SOLDADOS
ESTADUNIDENSES E CIVIS IRAQUIANOS SOBRE A INVASÃO DO
IRAQUE EM 2003**

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta.

São Cristóvão/SE

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

BÁRBARA NOLE BRANDÃO COSTA

**RELATOS DE UMA GUERRA: PERCEPÇÕES DE SOLDADOS
ESTADUNIDENSES E CIVIS IRAQUIANOS SOBRE A INVASÃO DO IRAQUE
EM 2003**

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta

Orientadora - Universidade Federal de Sergipe

Professor Dr. Geraldo de Campos

Examinador Interno - Universidade Federal de Sergipe

Professor Dr. David Paulo Succi Junior

Examinadora Externa - Programa de Pós-Graduação San Tiago Danta

Nota: _____

São Cristóvão, _____ de _____ de 2022

Esta noite, eu daria todas as grandes
armas que já foram forjadas, e todas as
canções sobre Aquiles e Alexandre, em
troca de uma maçã de Avalon!

(Marion Zimmer Bradley)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a mim mesma por todos os esforços pessoais, por toda determinação e por aprender a me entender e a respeitar meus limites e a não só reconhecer minhas vitórias e conquistas, mas, também entender que eu as mereço. Entretanto, saber que o final dessa etapa é apenas o começo de uma longa jornada acadêmica.

Gostaria de agradecer ao meu irmãozinho, João Guilherme, por todo o carinho, por sempre me fazer rir, pela companhia e por todo o encorajamento. Aos meus pais, João e Lícia, pelo amor incondicional, por todo apoio e companheirismo. Sem vocês nada disso seria possível.

Quero agradecer também a minhas primas/irmãs/ amigas, Mariana, minha melhor amiga, Marcela, minha irmã mais velha e Lenise, por cuidar tanto de mim, minhas companheiras de vida, obrigada por tantas risadas, momentos maravilhosos e ouvirem minhas loucuras, amo muito vocês.

Aos meus avós, Jair, Francisco, Iacy e Rodomarque, que desde a infância sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar. Aos meus padrinhos, Maria, Marcelo e meu tio Marcão, por todas as risadas, conselhos, viagens e companheirismo.

Às minhas tias, Cíntia e Sílvia, por todo o suporte, reconhecimento e amor. Aos meus primos, Maria Clara, Ana Carolina, Letícia e Pedro, por tanto carinho, amo vocês.

A minha orientadora, Bárbara, por acreditar no meu projeto, mas também por puxar minha orelha quando necessário, sempre querendo que eu dê o melhor de mim.

Aos meus amigos da UFS, em especial Sara e Enio, a quem sou muito grata por todo incentivo e por inúmeros momentos compartilhados, que venham muitos mais.

A todos os professores do Departamento de Relações Internacionais da UFS, pelos anos de aprendizado e conselhos, sou imensamente grata a todos.

Por fim, aos meus gatinhos, Orfeu, Lion e Salem, que sempre tentavam invadir minhas reuniões e aulas online e que mesmo sem entenderem muito bem tudo que estava acontecendo, ficavam sempre acordados comigo em todas as longas madrugadas de estudo. E à minha Milly, que sempre me acompanha.

RESUMO

A seguinte pesquisa analisou relatos de soldados estadunidenses, em busca de suas percepções do governo Bush, dos motivos fornecidos por este, os quais foram usados como pretexto para a invasão do Iraque, do relacionamento dos soldados com o povo iraquiano e tanto de seu desencantamento com a missão quanto com suas realizações patriotas e de “defesa da democracia”. Além disso, a presente pesquisa também averiguou as narrativas do ponto de vista dos civis iraquianos, para assim poder compreender os acontecimentos a partir de uma perspectiva diferente da comumente abordada, compará-los com a perspectiva estadunidense e observar as ambiguidades presentes nestas, tendo em vista as diferentes realidades individuais e mostrar que a opinião popular não era unânime, existindo tanto civis a favor da ocupação quanto enfaticamente contrários.

Palavras-chave: Relatos de Guerra; Estados Unidos; Iraque

ABSTRACT

The following research analyzed reports from US soldiers, in search of their perceptions of the Bush administration, the reasons given by it, which were used as a pretext for the invasion of Iraq, the relationship of the soldiers with the Iraqi people and much of their disenchantment both with the mission and with its patriotic accomplishments and “defense of democracy”. In addition, this research also investigated the narratives from the point of view of Iraqi civilians, in order to be able to understand the events from a different perspective than the one commonly approached, compare them with the American perspective and observe the ambiguities present in these, taking into account considering the different individual realities and showing that popular opinion was not unanimous, with both civilians in favor of the occupation and emphatically against it.

Key Words: War reports; United States; Iraq

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	9
2- O INDIVÍDUO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	17
3- A TRAJETÓRIA ESTADUNIDENSE PRÉ-INVASÃO.....	26
4- RELATOS DE UMA GUERRA.....	40
4.1- Soldados norte-americanos.....	41
4.2- Civis Iraquianos.....	46
4.3-Diferenças de realidades de uma única guerra.....	50
5- CONCLUSÃO.....	52

1 INTRODUÇÃO

“Não, claro que não-disse ele- Agora vejo que, enquanto houver um cientista inescrupuloso e um político sujo no mundo, eles se juntarão e farão uma bomba pelo primeiro motivo bobo que encontrarem ... quando percebermos, já fomos assados. Vamos, nem adianta falar.” (BRADBURY, 2010, p. 380)

Com o fim da Guerra Fria e a ascensão de uma Nova Ordem Mundial, os Estados Unidos se solidificaram como a principal potência no mundo globalizado. Um dos pontos centrais e simbólicos dessa Nova Ordem Mundial seria o Oriente Médio, tendo em vista seu potencial geoeconômico, o interesse nas reservas de petróleo na região e a busca dos Estados Unidos por exercer uma influência direta na maior quantidade de países possível (FUSER, 2006, p.25). Ainda que essa nova ordem se configure no fim da Guerra Fria, eventos anteriores contribuíram para reforçar a condição supracitada, como, por exemplo: a invasão do Afeganistão pela União Soviética em 1979, a Revolução Iraniana, o segundo Choque do Petróleo e a ascensão de Saddam Hussein ao poder no Iraque, que ameaçava os interesses norte-americanos na região. Em 1980 o presidente Carter, em mensagem ao Congresso, garantiu que a presença dos Estados Unidos no Oriente Médio seria uma prioridade, pois consideravam uma região vital para o interesse estadunidense e, com isso, estariam dispostos a defendê-la por todos os meios essenciais, até mesmo via o uso de força militar, reforçando uma política conservadora internamente e uma ofensiva na região do Oriente Médio, que foi continuada por alguns presidentes posteriores (ARRAES, 2004).

Conforme os discursos conservadores, como o de nacionalismo exacerbado, da busca pelo heroísmo militar como a única forma de alcançar prestígio e importância social (KELLNER, 2001, p. 114), alcançavam mais notoriedade nos Estados Unidos, ideias “sobre vitória e competição individual, forças armadas, sexo e união heterossexual, família, patriotismo e raça” (KELLNER, 2001, p. 114) permeavam o imaginário coletivo da sociedade norte-americana por meio da mídia, através de filmes e séries que ficaram muito populares, a exemplo de Top Gun que, segundo Kellner (2001), é apenas um dos inúmeros filmes conservadores adorados na época e que anteciparam o bombardeio da Líbia e a Guerra do Golfo através de “fantasias heroicas de sucesso militar” (KELLNER, 2001, p.114-115). Conforme aponta o autor, “juntos esses filmes trabalhavam o país para a Guerra do Golfo ao celebrarem as virtudes do

armamento *high-tec* e do heroísmo militar, criando um inimigo árabe para subsistir o soviético” (KELLNER, 2001, p. 115). Tais filmes, juntamente com a propaganda governamental antiárabe, criaram o cenário propício para o estopim da guerra supracitada. Os povos árabes passaram a ser retratados como povos violentos, aptos apenas a levarem medo e destruição, e por meio de representações racistas e desumanizadas. Segundo afirma Prince:

as vagezas das especificações geográficas e políticas, somada aos conflitos nacionais e culturais dramatizados nesses filmes, funciona de tal modo que os traduzem em termos fortemente ideológicos, visto que o inimigo não ocupa nenhum território especificável nas coordenadas de um mapa, mas é um Outro indistinto, nebuloso e ameaçador, uma projeção das ansiedades políticas e culturais recortadas de sua base histórica e imputadas a regiões do mundo em termos genéricos, superficiais e essencialmente mitológicas (PRINCE, 1993, p. 121).

Ainda, segundo observa Slavoj Zizek, é necessário que exista um inimigo externo que mude o foco das contradições internas, prática comum, conforme afirma o autor, adotada pelos Estados Unidos, que apenas trocaram o inimigo do comunismo soviético pelo “terrorismo” do Oriente Médio (ZIZEK, 2003). Desse modo, quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait, em 1990, o governo estadunidense colocou em prática uma grande campanha de relações públicas com o intuito de obter apoio nacional e internacional para uma intervenção armada na região e que contou com forte apoio da mídia, que controlava fontes de informação e exaltava a necessidade de uma intervenção que pudesse tirar Saddam do poder e “salvar os iraquianos” (KELLNER, 2001, p. 258). Nesse contexto, o editor do jornal Washington Post, Jim Hoagland, teve grande participação na campanha, sempre se posicionando contra Saddam Hussein. Hoagland afirmou que, para além do Kuwait, o objetivo de Hussein era estender a invasão para a Arábia Saudita; em suas palavras:

Saddam Hussein foi à guerra para obter controle dos campos petrolíferos do Kuwait e, em última análise, da Arábia Saudita. Os Estados Unidos agora devem recorrer à força militar persuasiva contra o ditador iraquiano para defender os campos petrolíferos e preservar a influência americana no Oriente Médio...ele [Hussein] é tão odiado em seu país que sua derrota, mesmo por forças estrangeiras, será aclamada como uma libertação por sua própria nação e por grande parte do mundo árabe (HOAGLAND, p.19, 1990).

Entretanto, é possível observar que suas afirmações não representavam a totalidade das opiniões iraquianas, considerando que o mundo árabe estava bastante dividido em relação a Hussein, sendo assim as afirmações de Hoagland eram dotadas de generalizações (KELLNER, 2001, p. 259). Nesse contexto, Edward Said refere-se a uma mentalidade “ocidentalista”, na qual ele afirma que indivíduos brancos estabelecem

sua superioridade em cima de conceitos vagos e generalizados acerca do povo árabe, mentalidade presente nos conceitos dos apoiadores da invasão, Said afirma:

Cada império único em seu discurso oficial disse que não é como todos os outros, que suas circunstâncias são especiais, que tem uma missão para esclarecer, civilizar, trazer ordem e democracia, e que usa a força apenas como último recurso. E, ainda, há sempre um coro de intelectuais dispostos a dizer palavras calmantes sobre impérios benignos ou altruístas (SAID, 1990, p.109).

Desse modo, informações preconceituosas e manipuladas foram divulgadas e espalhadas com o intuito de legitimação da intervenção. Segundo Kellner, existem razões para acreditarmos até que a informação da quantidade de tropas iraquianas foi manipulada pela imprensa e o governo estadunidense, fazendo com que a ameaça parecesse maior do que realmente era, produzindo um cenário de medo e histeria na população norte-americana. Para Kellner, esse cenário se encaixava no que ele chamou de “instinto natural de horda”, ou seja, quando existe uma guerra, o povo tende a se unificar em apoio ao governo, pois são vítimas do medo (KELLNER, 2001, p. 275). Em contrapartida, apesar de a Guerra do Golfo ser considerada um sucesso no governo Bush pai, ela não garantiu sua reeleição e sua administração no Iraque ao deixar Saddam Hussein foi considerada uma grande falha por muitos políticos conservadores (KELLNER, 2001, p. 290). Estratégia e campanha que seriam retomadas dez anos depois, com os atentados do 11 de setembro sob o comando de George W. Bush.

Após os atentados do 11 de setembro de 2001, o governo Bush filho adotou uma série de políticas agressivas no combate ao terrorismo, recorrentemente exaltando ideais vistos como essenciais aos norte-americanos, como os valores de liberdade e democracia. Conforme afirma Allison, “para o povo [norte-]americano, a democracia é a única forma legítima de governo. Ela é necessária para proteger os direitos dos cidadãos e ensinar a prosperidade” (ALLISON, 2017, p. 172) Também em 2001, no imediato pós-11/09, foi assinado o Ato Patriótico, documento que tinha por objetivo combater o terrorismo e que contou com a aprovação esmagadora do senado estadunidense (PINTO, 2004) Elevando o terrorismo como ameaça internacional, o Ato Patriótico deveria ser pautado em três estratégias centrais, todas com intuito de destruir organizações terroristas que eram consideradas como ameaça: (i) elaborar leis que combatessem o terrorismo em território nacional; (ii) elevar tais leis a níveis internacionais por meio da ONU; (iii) e defender a intervenção em Estados que “abrigassem” grupos terroristas (NASSER, 2021, p. 41). Dessa forma, ao estabelecer o Ato Patriótico, juntamente com outras medidas, George W. Bush foi responsável por

justificar as duas principais intervenções de seu governo: a do Afeganistão em 2001 e a do Iraque em 2003. Em relação ao Afeganistão, a administração Bush afirmou que o Talibã era simpatizante da Al Qaeda e tinha uma grande infraestrutura de apoio a esta em seu território (NASSER, 2021). Em relação ao Iraque, em março de 2003, o presidente Bush filho anunciou o fim das negociações diplomáticas com o Conselho de Segurança da ONU sobre a situação neste país. A intervenção estadunidense denominada “Operação Liberdade Iraquiana” foi justificada então a partir de três objetivos. Em primeiro lugar, destruir as supostas armas de destruição em massa desenvolvidas pelo governo Saddam Hussein. Para a administração Bush, a guerra era a única solução para garantir segurança aos estadunidenses e a comunidade internacional, além de levar paz e liberdade aos iraquianos (PECEQUILO, 2003). Em segundo lugar, ao acusar Saddam Hussein de ter auxiliado a Al Qaeda nos atentados do 11 de setembro (RAI, 2002; KAUFMANN, 2004), bem como de compactuar com organizações terroristas, concedendo abrigo e suporte às mesmas, a intervenção no Iraque atenderia ao objetivo mais amplo de continuar as ações de combate ao terrorismo. Em terceiro lugar, outro elemento levantado foi o caráter humanitário da intervenção, ao libertar o povo iraquiano da tirania de Saddam Hussein (MOTTA, 2014).

Entretanto, por mais que a intervenção tenha sido apresentada como vinculada às iniciativas de contraterrorismo, as justificativas para tal engajamento remontam a momentos anteriores. Segundo opiniões de neoconservadores, como o vice-presidente Dick Cheney e o Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, a invasão ao Iraque era considerada como uma retomada da Operação Tempestade do Deserto, tendo em vista a falha da administração Bush pai, em 1991, em não prosseguir com uma missão de mudança de regime no Iraque, retirando Saddam do poder.

Iniciada a articulação do governo para intervir no país, é possível observar que houve uma retomada do processo supracitado de “demonização” do povo iraquiano e de Saddam Hussein, no qual a mídia teve participação significativa (PECEQUILO, 2013, p. 132). Segundo Kellner, a "satanização" de Saddam e do povo iraquiano era algo imprescindível para a aceitação da intervenção, visto que “se eles fossem absolutamente maus e constituíssem uma ameaça idêntica à de Hitler e dos nazistas, nenhuma negociação seria possível, e estaria excluída qualquer possibilidade de solução diplomática para a crise” (KELLNER, 2001, p. 265). Desse modo, a mídia passou a articular grande parte das informações sobre o Iraque, mantendo uma imagem pejorativa deste país em território estadunidense. No entanto, ressaltavam a necessidade que o

povo iraquiano tinha da invasão norte-americana, pois estariam esperando que os EUA tirassem Saddam do poder e implantassem um governo estável para que os iraquianos fossem livres (RIPLEY, 2004, p. 9). Somado a isso houve um “apagamento” da existência das organizações democráticas no Iraque, que estavam a favor de soluções diplomáticas e pacíficas. Conforme afirma Chomsky

Não ouvimos uma palavra a respeito da oposição democrática iraquiana. Se quiser descobrir algo sobre eles, é melhor consultar a imprensa alemã ou a britânica...É preciso, na verdade, uma população profundamente doutrinada para não perceber que não estamos ouvindo as vozes da oposição democrática iraquiana e não estamos nos perguntando “por quê” e descobrindo a resposta óbvia: porque os democratas iraquianos têm suas próprias opiniões; eles concordam com o movimento pacifista internacional e, portanto, estão fora (CHOMSKY, 2013, p. 56-57).

Inserido nesse processo, em 2003, o governo norte americano ressaltou incessantemente que Saddam Hussein representava uma grande ameaça ao cenário global, discurso este que obteve imediato e majoritário apoio do senado norte-americano. De todo modo, não havia provas concretas de que Saddam possuía armas de destruição em massa (PECEQUILO, 2013, p. 132). Nas palavras de Bush:

O Iraque continua a ostentar sua hostilidade em direção a América e a corroborar com o terror. O regime iraquiano tem feito planos para desenvolver anthrax, nerve gas, e armas nucleares por mais de uma década. É um regime que já usou gás venenoso para matar milhares dos seus próprios cidadãos – deixando o corpo de mães amontoados em cima de seus filhos mortos. É um regime que concorda com inspeções internacionais – e então expulsa os fiscais. É um regime que tem algo a esconder do mundo civilizado (BUSH, 2002)¹.

Esta alegação foi refutada pelo próprio Saddam, por meio de uma mensagem enviada à Assembleia Geral da ONU em setembro de 2002, em que ele afirma: "eu declaro diante de todos vocês que o Iraque não possui qualquer tipo de arma nuclear, química ou biológica". Apesar desta manifestação e envio de missões da ONU e da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) para o Iraque, a possibilidade de uma solução diplomática foi ignorada pelos Estados Unidos.

Tendo em vista o abordado, é possível observar que a relação entre EUA e Iraque é extremamente complexa e permeada por contradições, meias verdades, visões ambíguas e usualmente limitadas, além de análises pautadas geralmente em uma única

¹ No original: “Iraq continues to flaunt its hostility toward America and to support terror. The Iraqi regime has plotted to develop anthrax and nerve gas and nuclear weapons for over a decade. This is a regime that has already used poison gas to murder thousands of its own citizens, leaving the bodies of mothers huddled over their dead children. This is a regime that agreed to international inspections, then kicked out the inspectors. This is a regime that has something to hide from the civilized world.” (BUSH, 2002). Tradução nossa.

perspectiva, a estadunidense. A invasão, por fim, ocasionou uma extensa guerra, rodeada de diferenças sociais, culturais e políticas, além do embate entre diferentes realidades e intensa violência.

As avaliações sobre a intervenção dos EUA no Iraque têm a tendência a serem unilaterais, o que, conforme observa a autora Chimamanda Ngozi Adichie, tende a ser algo prejudicial e limitante:

Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio do nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva (ADICHIE, 2019 p. 17) (...) A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história (ADICHIE, 2019 p. 17).

As análises sobre a intervenção geralmente são abordadas de formas bem específicas: referindo-se ao cenário político estadunidense no momento; dando ênfase para sua política externa antiterrorista; além do trabalho da mídia estadunidense como elemento responsável por impulsionar o conflito e abordar de forma superficial o lado iraquiano, o que torna essa visão incompleta e dotada de parcialidade (CHOMSKY, 2013 p. 57). Dessa forma, o presente trabalho busca ressaltar a importância de experiências individuais para o campo das Relações Internacionais, tendo em vista não apenas a contribuição empírica desta abordagem, como a possibilidade de que uma perspectiva diferente possa auxiliar e/ou modificar pressupostos aceitos como verdade única.

Sendo assim é de suma importância entender a relevância de relatos individuais para o campo das Relações Internacionais. Segundo Hoffman (1977), as questões políticas são definidas em tempos de guerra e/ou paz e são profundamente impactadas pelas relações sociais dos envolvidos interna e externamente, em concordância com o referido por Castro, o qual argumenta ser fundamental “percebe[r] o ser humano como o início e fim das relações internacionais” (CASTRO, 2012). Desse modo, para o entendimento completo do panorama da intervenção dos EUA no Iraque, é fundamental que os relatos individuais de iraquianos e de soldados enviados para o campo de batalha sejam analisados minuciosamente em busca de suas opiniões, percepções e receios, contribuindo para uma abordagem que vá para além do campo nacional e que acaba por impactar no campo internacional, afinal, como referido por Cynthia Enloe (1989), “o pessoal é internacional”.

Considerando o cenário supracitado, alguns fatores chamam atenção e são importantes para a orientação da presente pesquisa: a perspectiva de civis iraquianos e a perspectiva de soldados estadunidenses inseridos diretamente no embate. Dessa forma, esta pesquisa tem por propósito analisar relatos de soldados estadunidenses e de civis iraquianos. Em relação aos soldados norte-americanos buscamos considerar suas percepções sobre o governo Bush, os motivos fornecidos por este para a intervenção e seus possíveis desencantamentos com a missão e com suas realizações patriotas e de “defesa da democracia”. Por fim, a partir das narrativas do ponto de vista dos civis iraquianos, compreendemos os acontecimentos a partir de uma perspectiva diferente da comumente abordada, foram relacionados com a perspectiva estadunidense e observadas as ambiguidades presentes nestas, tendo em vista as diferentes realidades individuais e mostrou-se que a opinião popular não era unânime, existindo tanto civis a favor da ocupação quanto enfaticamente contrários. Desse modo, a pesquisa respondeu a pesquisa central: "De que forma se deu a percepção dos soldados estadunidenses e de civis iraquianos, ao longo dos anos de 2003 a 2007, acerca da intervenção dos EUA no Iraque?"

Para a elaboração da seguinte pesquisa, em relação aos relatos de civis iraquianos, o livro do autor Mark Kukis, “Voices from Iraq; A People's History, 2003–2009” foi utilizado como a principal fonte de coleta. Kukis é professor na Universidade Columbia e coletou os relatos pessoalmente em 2006, quando serviu de correspondente para a revista Times. Foram lidas 71 cartas e entrevistas, as quais foram sistematizadas de acordo com localização geográfica, gênero dos entrevistados e por suas opiniões acerca da invasão norte-americana.

Já para o caso dos soldados norte-americanos, a principal fonte utilizada foi o livro do autor e cinegrafista Michael Moore, que foi elaborado a partir de 107 e-mails de soldados servindo ou que já haviam servido no Iraque recebidos por ele. Os e-mails foram sistematizados de acordo com as opiniões dadas por eles. Além disso, o artigo “A Guerra do Iraque: o olhar dos soldados estadunidenses e suas angústias no front” do autor Marcelo G. Bonfim (2015), com o intuito de confirmar e endossar a situação política e social contidas nos e-mails fornecidos por Moore.

A seguinte pesquisa, em seu primeiro capítulo aborda a importância e o impacto que os indivíduos e suas experiências pessoais exercem nas relações internacionais, em segundo lugar, ilustra a situação política e econômica de ambos os países envolvidos, em seu terceiro capítulo analisa de forma minuciosa as justificativas fornecidas pelo

governo Bush para a invasão ao Iraque e por fim apresenta os relatos de soldados estadunidenses e civis iraquianos com suas respectivas impressões e opiniões.

2 O INDIVÍDUO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

“Enquanto eles não se conscientizarem, não serão rebeldes autênticos e, enquanto não se rebelarem, não têm como se conscientizar” (ORWELL, 1949, p. 90)

Desde o reconhecimento das Relações Internacionais como um domínio teórico e independente da Ciência Política no pós primeiro Guerra Mundial, esta apresentava uma austeridade teórica em seus estudos e em suas abordagens. Entretanto, na década de 80, teóricos das Relações Internacionais começaram a enfrentar grandes divergências em seu modo de analisar o mundo. Desse modo, o pensamento positivista dominante passa a ser alvo de críticas severas, assim como correntes teóricas que definiam as Ciências Sociais como parte integrante das ciências da natureza (ONUF, 2001, p. 9). Assim, na década de 90, um novo debate e novas abordagens surgem no campo das RI, entre racionalistas e reflexivistas, que tinham por objetivo, segundo Keohane (1988, p.3) apresentar novas contribuições teóricas de maneiras sólidas e com grande ênfase na pluralidade dos debates recentes, apontando não existir uma única versão de cada corrente teórica da disciplina de Relações Internacionais.

Para além das diferenças epistemológicas entre o construtivismo e as perspectivas nacionalistas, outro elemento que as diferem é a perspectiva ontológica apresentada por elas, tendo em vista que o Construtivismo aborda temas materiais e imateriais, como filosofia, sociologia, e ciências sociais de forma geral. A teoria supracitada não pode ser considerada homogênea, tendo em vista que, conforme abordado por Adler, existem diferentes correntes dentro da mesma como os “Modernistas”, no qual ele próprio se incluía e os “guiados por regras” onde ele encaixou Onuf e um último grupo, que segundo ele, seria norteado pelo aprofundamento da parte teórica e narrativa (ADLER, 1999).

Entretanto, Onuf busca esclarecer que o Construtivismo não pode ser entendido como uma teoria em si, mas como uma estrutura que permite observação e formulação de explicações acerca do mundo. Para ele, a compreensão das regras é essencial para o entendimento da sociedade como um todo e da relação dos indivíduos entre si (ONUF, 2001, p. 17). Desse modo, é possível observar que a inclusão de fatores sociais no estudo das RI foi extremamente importante para a composição da epistemologia e ajudou na expansão ontológica dos estudos da disciplina.

Para a elaboração de seus conceitos e estruturas, Onuf resgata diversos autores, com enfoque especial em Giddens pelos seus conhecimentos do indivíduo e da

sociedade. Giddens define o indivíduo como “um agente reflexivo”, que compõe a sociedade, tendo em vista que para ele “As sociedades humanas ou os sistemas sociais, não existiriam, em absoluto, sem a agência humana.” (GIDDENS, 1989, p. 140). Ademais, segundo o afirmado por Adler, o "construtivismo é a perspectiva segundo a qual, o modo pelo qual o mundo material forma a, e é formado pela, ação e interação humana depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material.” (ADLER, 1999, p. 205), desse modo, é necessário compreender que a ação humana e a interação humana, se tornaram uma parte crucial para as Relações Internacionais.

Somado a isso, Adler afirma que além da importância do indivíduo e da coletividade no estudo das Relações internacionais, existe um impacto também nas instituições, as quais, as mais duradouras são baseadas em concordância coletiva, que ao longo do tempo transformaram-se em realidades consolidadas e inevitáveis. Ademais, Adler acredita que a capacidade humana de refletir e aprender alcança seu auge quando os indivíduos e os atores da sociedade são os responsáveis por dar sentido ao mundo físico que conhecem, vivenciam e buscam compreender (ADLER, 1999, p. 206). Desse modo, é possível observar que para o estudo das relações internacionais, a perspectiva construtivista inicia-se, primeiramente, na análise dos fatos sociais provenientes da interação humana. Adler busca também estabelecer as diferenças entre o construtivismo e as correntes literárias originadas anteriormente, ao afirmar que:

O construtivismo desafia apenas os fundamentos ontológicos e epistemológicos do realismo e do liberalismo. Não é anti-liberal ou anti-realista por convicção; não é pessimista ou otimista por vocação. Consequentemente, o construtivismo representa a primeira oportunidade real de criação de uma teoria sintética das relações internacionais desde que E. H. Carr (cuja obra emerge do importante meio termo entre absolutismo e relativismo" [Howe, 1994: 287]) estabelece seus fundamentos, logo antes da Segunda Guerra Mundial (Carr, 1964). Se for possível que se persuade que os entendimentos normativos e coletivos causais são reais, na medida em que eles têm conseqüências para os mundos físico e social, será muito mais fácil argumentar que tanto a compreensão da política mundial quanto o progresso da disciplina podem depender da construção de uma síntese sócio-cognitiva que se forma nas dimensões material, subjetiva e intersubjetiva do mundo (ADLER, 1999, p.206).

Desse modo, conforme o observado por Katzenstein (1996), a abordagem sociológica do construtivismo é alinhada com o pragmatismo, o construtivismo diz respeito a estudar como o que os agentes consideram racional tem impactos nas situações humanas coletivas. Esse posicionamento nos incita “a descobrir o que os atores do palco internacional pensam que estão fazendo" (HOLLIS, 1996, p.305). Sendo

assim, uma abordagem construtivista pode auxiliar no avanço para a elaboração de uma estratégia sistemática para o estudo das Relações Internacionais, como Adler ilustra :

Até um certo ponto, a construção social da realidade que leva a mudanças no significado e propósito coletivo aos objetos físicos é ela mesma um componente importante do processo de mudança. Tome-se como exemplo o fim da Guerra Fria, um poderoso evento que as abordagens tradicionais têm tido dificuldade de explicar, e certamente não previram. Torna-se cada vez mais claro que os eventos e fenômenos que pareciam ser "sistematicamente" sem importância, tal como o movimento de dissidência soviético e o acidente nuclear em Chernobyl, que tornou familiar os horrores do poder nuclear sem controle, deram espaço em poucos anos para consequências amplas e não previstas. (ADLER, 1999, p.231).

Desse modo, colocado o debate em questão, é necessário entender de que forma o indivíduo se insere enquanto objeto de análise e enquanto agente nas RI. Com o fim da Guerra Fria e a ascendente conexão global, os conceitos de sociedades “civis” e “não civis” passaram a ser passíveis de novas abordagens, o que consequentemente levantou questionamentos acerca do papel centralizador do Estado (KALDOR, 2003, p. 2 apud LAGE, 2012, p.), favorecendo a ascensão de debates sobre o papel do indivíduo frente ao cenário internacional, elevando o debate para “além do Estado”, conforme apontado por Kaldor:

Em primeiro lugar, a preocupação com a autonomia pessoal, auto-organização e espaço privado se alastrou não apenas pela Europa Oriental, como também por outras partes do mundo. Já nos anos 1960 e 1970, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, os direitos civis, o feminismo e o meio ambiente haviam sido temas em torno dos quais movimentos sociais se organizaram. Na década seguinte o termo “sociedade civil” ganhou força na parte leste da Europa e, paralelamente, em outras regiões do globo, como a América Latina, em resposta a uma percepção de intrusão excessiva do Estado no cotidiano das pessoas. Em segundo lugar, somada ao fim do conflito bipolar, a interconexão global crescente transformou as fronteiras de atuação da sociedade civil (LAGE, 2012, p. 166).

Ainda segundo Kaldor, existem três versões do conceito de sociedade civil global, as quais ela denominou de ativista, neoliberal e pós-moderna. A ativista pode ser relacionada à oposição às lideranças nacionais nos anos 70/80 no centro da Europa com o objetivo de reorganizar e redistribuir o poder do Estado, enquanto a neoliberal diz respeito à busca por substituir as funções estatais através de ONGs. Por fim, a versão pós-moderna busca fortalecer concepções como tolerância e pluralismo e objetiva contestar identidades religiosas e nacionais, com o intuito de combater uma visão universalista e limitante (KALDOR, 2003, p. 2). Lage então afirma que a sociedade civil global seria um conjunto de diferentes atores que exercem funções no sistema internacional, com múltiplos objetivos, valores, modos de organização e diversos

caminhos de atuação, mas que buscam a criação de espaços públicos para debater políticas e propostas apresentadas por organismos internacionais (LAGE, 2012). Apesar da importância da sociedade civil global, é necessário ressaltar que esta não substitui a sociedade doméstica. Nesse sentido, é imprescindível que o “local” observe todas as atribuições do “global” e possa aplicá-las a nível nacional (LAGE, 2012).

Inicialmente, as Relações Internacionais eram entendidas, conforme o apontado por Montsion (2012, p. 930), como “uma disciplina cujo objeto de estudo geralmente é considerado separado de como as pessoas vivem sua vida cotidiana”, entretanto, conforme o ilustrado, ao longo dos anos vem apresentando novos campos de estudo. Desse modo, para além do âmbito da sociedade civil global, é essencial que as experiências diárias e cotidianas também sejam abordadas e entendidas como campo integrante das RI. Primeiramente, é necessário conceituar o cotidiano para as Relações Internacionais. Michele Acuto define o cotidiano “como a espacialidade das práticas situadas, mundanas e habituais”, e o ilustra como “uma esfera constituinte da governança global” (ACUTO, 2014, p. 346). Somado a isso, o cotidiano, segundo Johanna Mannergren Selimovic, é o lugar para o ser humano apropriar-se de seu lugar no mundo, dar-lhe sentido e transformar-se como sujeito ético que possui chaves para a transformação do mundo, este redireciona o foco da nossa atenção de agentes estatais e/ou internacionais para agentes de base local (SELIMOVIC, 2018, p.3). Para ela, no entanto, o cotidiano não representaria um nível exclusivo de análise e sim um conjunto de várias pequenas práticas emaranhadas que representam o trabalho em cadeia de várias pessoas na construção de suas vidas (SELIMOVIC, 2018, p.3).

Tendo em vista o exposto, Selimovic (2018) aponta que o cotidiano pode ser compreendido de três formas distintas, através do lugar, do corpo e da história. O lugar diz respeito ao material, “...é constituído pelos muros e pelas pedras, os cruzamentos, a malha de ruas ou campos, as nossas habitações e as coisas que ali usamos” (SELIMOVIC, 2018, p.5) e através dele pode se entender o seu próprio significado, de que forma ele se molda e de que forma os aspectos temporais que exercem impactos nele. O corpo corresponde à experiência física, ou seja, de que forma os indivíduos vivem e sentem o lugar em que estão inseridos e como se relacionam com este. Por fim, a história refere-se à forma que os indivíduos ordenam e atribuem significados por meio de representações de eventos e vivências da vida cotidiana passada, presente e das perspectivas futuras e como essas vivências são passadas a outros. Para Selimovic, as vivências “... proporcionam um sentimento de pertencimento; experiências pessoais,

incorporadas, estão envolvidas e relacionadas a narrativas coletivas que possuem significado ético e político” (SELIMOVIC, 2018, p.6).

Tendo em vista o exposto, é essencial que o “banal” como estrutura política receba a atenção e o reconhecimento devido. Solomon e Steele (2017, p. 268) apontam que “as RI começaram a (re)descobrir as vidas e as pessoas da política global” ao reverterem a atenção para a micropolítica, ou seja, para a chamada política social. Segundo Croft e Vaughan-Williams (2017), pensar o internacional em conjunto com o cotidiano é algo relativamente recente no cenário das RI, mas de suma importância, tendo em vista que esse esforço busca elucidar cenários negligenciados anteriormente. No entanto, aponta também que apenas tal esforço não seria suficiente para mudar o cenário elitista e separatista da disciplina. Nesse sentido, Croft e Vaughan-Williams indicam que “a recente virada em RI para o 'cotidiano' como uma categoria de análise - com sua ênfase temporal alternativa no ritmo e repetição e ênfase escalar no micro e próximo - não é por si só um corretivo para o 'viés elitista' da disciplina²” (CROFT; VAUGHAN-WILLIAMS, 2017, p. 21). Desse modo, para eles é necessário que exista uma genealogia diferenciada no estudo do cotidiano (CROFT; VAUGHAN-WILLIAMS, 2017, p. 21).

Em contrapartida, as/os autoras/es que pensam o cotidiano como parte das RI, não o concebem e abordam da mesma forma. Enquanto alguns como Hedin e Mac Ginty (2015) estão especialmente preocupados em como identificar as conexões entre os níveis micro e macro nas relações internacionais, outros como Gëzim Visoka apontam o que eles enxergam como uma triste prostração e desmazelo do cotidiano nas RI. De acordo com Visoka (2020), uma ilustração são as pesquisas de paz e guerra em que a maior parte das análises em Relações Internacionais optam por esconder ou disfarçar a ação humana e a vida cotidiana. Mac Ginty (2015), por outro lado, ilustra a importância do cotidiano a partir de depoimentos que dizem respeito à violência sexual perpetrada em conflitos e guerras e como o mundo dessas testemunhas foi deixado de lado e/ou considerado de menor importância pelos estudos que tem como foco apenas as dinâmicas estatais e da alta política. Um exemplo a ser observado é o da Guerra do Iraque de 2003, na qual com frequência a vivência das pessoas diretamente envolvidas no conflito é negligenciada em prol de uma visão macropolítica, sendo assim a

² No original: “The recent turn in IR to the “everyday” as a category of analysis – with its alternative temporal stress on rhythm and repetition and scalar emphasis on the micro and proximate – is not in and of itself a corrective to the discipline’s ‘elitist bias.’” (CROFT; VAUGHAN-WILLIAMS, 2017, p. 21). Tradução nossa.

experiencia de civis iraquianos e de soldados tanto iraquianos quanto estadunidenses é esquecida.

No entanto, como apontado por Johanna Mannergren Selimovic em seu artigo (2018), um outro grande problema nessa abordagem é de que forma o cotidiano pode ser acessada/estudada nas RI, especificamente no que diz respeito à metodologia. Mac Ginty e Campbell (2013) afirmam que as RI não tentaram ainda o suficiente aprender e fornecer a atenção necessária para as esferas rotineiras e particulares da realidade cotidiana. Ainda existe uma separação muito grande do que é local e do que é internacional. Sendo assim, as/os autores que trabalham com esta abordagem buscam tornar as ligações entre o local e o internacional mais claras e explícitas, além de eliminar a superioridade de um sobre o outro.

Outra perspectiva é a de que a experiência pessoal do indivíduo seja entendida como parte integrante das RI. Segundo Enloe (1995, p. 279), “a nova (des)ordem mundial parece ter aberto espaços para as pessoas reavaliarem suas identidades e para grupos reivindicarem o direito à sua identidade, muitas vezes em resposta a um ameaça percebida”. Para ela, as identidades dos indivíduos sempre tiveram impacto na política internacional, usando a escravidão e conseqüentemente o *apartheid* como exemplo. Deste modo, para Enloe, “o pessoal é internacional” (1989).

Além disso, a perspectiva da experiência pessoal como parte das RI pode ser relacionada diretamente com o que foi chamado de “virada etnográfica”. Para Brigden e Mainwaring (2022), a etnografia pode ser definida como uma forma de pesquisa que pode oferecer a vantagem de um engajamento sistemático na área da ciência social. Segundo Tilly (2006), esta pode ser entendida como “um artesanato” de padrões disciplinares entrelaçados e intersubjetivos e que precisa ser uma representação dotada de credibilidade e de visão social. Tal virada acontece no final da década de 1980, como uma tentativa de “aliviar” as pressões disciplinares e o rigor metodológico presente no estudo das Relações Internacionais. Segundo Montsion (2010), houve uma inclusão de novos autores e novos processos sociais passaram a ser visto como meios de impacto no âmbito internacional, conforme pontuado por Edkins e Pin-fat:

A virada etnográfica permite uma ampliação do objeto de estudo das RI. O 'internacional' é mais do que os processos e atores que impactam os Estados e as relações interestatais. É uma distância traçada entre as nossas próprias preocupações e as de outros, como manifestantes uigures na província chinesa de Xinjiang ou estudantes estrangeiros indianos que vivem na minha comunidade. Refere-se a tudo o que está fora da comunidade política e das preocupações familiares, sejam encontradas diariamente ou não (EDKINS e PIN-FAT, 2005, p.10).

Para Montsion (2010), conciliar a etnografia e o estudo das RI não é algo fácil e apresenta diversos desafios. Segundo ele, muitos estudiosos das RI (ele inclusive) por não estarem preparados para as diferenças e possíveis contradições, usam estereótipos raciais e assimetrias de linguagem como exemplo, visto que, podem ser difíceis de serem confrontados por conta de preconceitos presentes na área (MOTSION, 2010, p.80). Além disso, Vrasti (2008) infere que existem três formas específicas de apropriação indevida da etnografia por parte de alguns estudiosos de RI: o etnoempirismo, texto etnográfico e etnografia:

Em primeira instância, a etnografia torna-se para estudiosos de RI, como Carol Cohn (1987), apenas uma “máquina positivista de coleta de dados” (Vrasti 2008:286). O etno-empirismo glorifica a reunião de conhecimentos mais marginais e situados, mas os enquadra nas tradicionais divisões “conhecedor/conhecido”, “especialista/participante”. Em segundo lugar, Vrasti acusa estudiosos de RI como Cynthia Enloe (2000) de sacrificar “experiência de trabalho de campo no altar da estilização literária” (Vrasti 2008:288). Na sua opinião, Enloe desenvolve um texto etnográfico que carece de real engajamento e comunicação pessoal com as pessoas de quem fala o autor. Por fim, Vrasti visa o ponto de vista construtivista para nos lembrar que a etnografia não pode ser reduzida à etnografia ou a qualquer método de escrita que possa ser incorporado a um empreendimento científico. Assim como as outras armadilhas que ela identifica, Vrasti questiona a capacidade e a disposição dos acadêmicos de RI de problematizar sua voz subjetiva e sua posicionalidade em nome das pretensões científicas da disciplina (VRASTI apud MONTSION, 2010, p. 81).

Entretanto, Montsion aponta injustiças presentes no argumento de Vrasti. Ele acredita que sua crítica às apropriações reforça a barreira que existe entre as RI e a antropologia. Além disso, acredita que a crítica dela não leva em consideração os conflitos que muitos estudiosos da área enfrentam ao tentar se empenhar em apontamentos sérios e complexos nos estudos da etnografia e sua reconciliação com o campo de Relações Internacionais (MONTSION, 2010, p. 82).

Mitson traz à tona o arquétipo do “flâneur”, referido por Walter Benjamin em 1968, pois acredita que este, que também pode ser entendido como observador, vai a lugares específicos por um determinado período para observar a vida das pessoas, suas interações, opiniões, reações e realidades sociais, dessa forma, acredita que o “flâneur” é essencial para compreender como é feito e a importância de um trabalho de campo (MONTSION, 2010, p. 83). Benjamin infere que

Este arquétipo captura a imprevisibilidade do trabalho de campo, dependendo de atravessar relações de poder locais, estruturas sociais e convenções, da boa fé das pessoas, encontrar contatos úteis, poder participar de eventos internacionais e locais específicos e, por último, por pura sorte. (BENJAMIN, 1983, p. 170)

Ademais, Montsion retoma seu exemplo de estereótipos raciais ao colocá-los não como empecilhos irremovíveis, mas, usá-los como um modelo interessante para ilustrar e entender as fronteiras e desvios criados pelos seres humanos através de suas perspectivas e ações sociais e cotidianas sobre o que é o internacional e que acabam por desconsiderar a realidade de outras pessoas, desse modo, Montsion afirma que tais estereótipos se tornam mais do que fatores limitantes para estudar um determinado povo, tornam-se um ponto de partida para estudar a realidade de um outro, elevar discussões sobre multiracialismo e transgredi-las (MONTSION, 2010, p. 88). Além disso, para ele, as assimetrias de linguagem também podem vir a se tornar locais prócios para o estudo das Relações Internacionais, Montsion infere:

A falta de comunicação e a aproximação de significado são obstáculos muito difíceis de superar. No entanto, ao perceber qual idioma seria preferível conhecer antes de realizar o trabalho de campo, descobri a utilidade das assimetrias linguísticas para mim. Existem muitos mundos de significado que podem ser identificados como um ponto de partida para “melhor” se envolver com as pessoas que vivem na porta de entrada, incluindo dialetos chineses, inglês, malaio, mandarim e tâmil. Mas e o singlish e os híbridos entre mandarim e dialetos chineses que muitas pessoas falam? Não podemos supor que formas puras de linguagem sejam melhores reflexos da vida cotidiana. Esta é uma realidade compartilhada de Cingapura e Vancouver, onde as pessoas são educadas para falar muitas línguas (MONTSION, 2010, p. 89).

Somado a isso, ressalta que as assimetrias de linguagem também propiciam que cenários de comparação sejam encontrados, já que segundo ele não importam os contextos, não existem formas de linguagem completamente iguais, cada país possui sua própria identidade linguística e muitas vezes e regiões diferentes dentro do mesmo apresentam formas exclusivas de fala, além de se misturarem com outras línguas faladas dentro do próprio país originando uma linguagem mista, situações que tornam possíveis a análise histórica daquele referido local, além de uma análise econômica e social (MONTSION, 2010, p. 90).

Bridgen e Mainwarig destacam que a presença de estereótipos raciais e assimetrias linguísticas podem também apontar para as limitações de conhecimento e da visão de mundo do internacionalista, desse modo, incentiva a reflexividade nos estudos das Relações Internacionais com o intuito de florescer rupturas e pontos cegos na visão destes e provar que não existem verdades absolutas e julgamentos universais, que apesar de não resolver em sua complexidade os problemas presentes nos estudos das RI, fornece o material necessário para o desdobramento de um mundo de debates amplos, criativos e tolerantes (BRIGDEN; MAINWARING, 2022, p. 194). Levadas essas questões em consideração, para as autoras, a etnografia amplia o processo de criação e

entendimento de novas identidades, além de questionar criticamente verdades vistas como absolutas, apresentando novas visões, interpretações e reivindicações, com espaço para ambiguidades e experiências sociais alternativas (2022, p.195).

Somado a isso, Bridgen e Mainwarig propõem que a abordagem dos métodos críticos seja adotados, tais métodos dizem respeito ao uso de atos, estratégias e dispositivos etnográficos para impactar na área política, ressaltam que a etnografia reflete compromissos ontológicos e epistemológicos e enfatizam a importância do trabalho de campo, estas inferem que:

As práticas físicas e intelectuais associadas ao trabalho de campo etnográfico e à reflexão podem realmente gerar ou reforçar uma posição epistemológica humilde e uma visão de mundo ontológica agnóstica. ... As experiências vividas por pesquisadores engajados em diálogo etnográfico com as pessoas e as práticas cotidianas ao seu redor podem ajudar a revelar compreensões alternativas do conhecimento e da realidade. De fato, a etnografia pressupõe uma visão ontológica de um mundo com múltiplas verdades e uma ubiquidade de poder. Isto encoraja o reconhecimento da intersubjetividade irreconciliável de nossos mundos sociais. Da mesma forma, a etnografia encoraja uma posição epistemológica aberta que reconhece nossa capacidade limitada de “saber” e nossa própria inserção em um mundo social (BRIGDEN;MAINWARING , 2022 ,p.195).

Segundo Margaret Wherer (2019), estudiosos de Relações Internacionais e de antropologia têm cada vez mais abordado temas em comum, como a globalização e tópicos interdisciplinares, como cultura, direitos humanos e o que mais vem crescendo, o da segurança humana, que do ponto de vista antropológico, estuda culturas em conflitos armados e como estes impactam os indivíduos. Desse modo, como referido anteriormente, a Guerra do Iraque insere-se no âmbito de acontecimentos dos quais experiências individuais foram maioritariamente ignoradas em prol de uma visão geral e abreviada, quando é extremamente necessária uma abordagem minuciosa. Sendo assim, é necessário que exista um diálogo entre as Relações Internacionais e a antropologia, tendo em vista que, segundo Lie (2013), o micro e o local se conectam com o macro e o global, através da experiência pessoal dos indivíduos envolvidos, as quais podem impactar na visão global do conflito.

Tendo em vista o exposto, é possível observar a relevância de relatos pessoais que foram inseridos na presente pesquisa através de entrevistas e cartas concedidas pelos indivíduos que participaram e sofreram o impacto direto das Guerra do Iraque, sendo assim, ao avaliá-las é possível observar a realidade social de cada um deles, suas opiniões impressões e vivências, dando uma nova interpretação ao conflito supracitado.

3 A TRAJETÓRIA ESTADUNIDENSE PRÉ-INTERVENÇÃO

“(…) Olhe, você não precisa compreender. Seja lá como for, se seu oponente te apontar uma arma, não hesite. Do contrário, você morre. Antes de ficar refletindo sobre o adversário, em primeiro lugar desconfie. Você não deve confiar muito em ninguém neste jogo.” (TAKAMI, 2014, p. 157)

No dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos vivenciaram um dos momentos de maior terror da sua história. Entre às 8:09 e às 8:13 da manhã, dois aviões, o voo 11 da American Airlines e o voo 175 da United Airlines, foram sequestrados por indivíduos integrantes da Al-Qaeda e direcionados para as torres do World Trade Center, em Nova York. Às 8:46, o voo 11 colidiu a 748 km por hora com a primeira torre do World Trade Center e às 9:03, o voo 175 colidiu com a segunda torre do World Trade Center. Duas horas após as colisões, os edifícios desmoronaram e atingiram vários locais ao redor, vitimando ainda mais pessoas. Além desses dois voos, às 8:54, o voo 77 da American Airlines foi também sequestrado e direcionado a Washington e às 9:37 colidiu em intensa velocidade contra o Pentágono. Por fim, o voo 93 da United Airlines, que falhou em sua operação pela ação dos tripulantes que retomaram o controle do avião e o desviaram de seu alvo principal, caiu em um campo aberto na Pensilvânia. Nenhum dos 277 tripulantes e dos dezenove sequestradores dos aviões sobreviveram e estima-se que em torno de três mil pessoas foram vítimas dos ataques, englobando indivíduos de mais de 70 países diferentes. Desse modo, os acontecimentos do 11 de setembro de 2001 são alguns dos eventos mais importantes para compreender a trajetória que levou os Estados Unidos a invadirem o Iraque em 2003 (GRAFF, 2021).

No mesmo dia dos atentados, Bush realizou um pronunciamento que já refletia a estratégia que os Estados Unidos usariam para legitimar a resposta que seria dada aos ataques. Bush ressaltou os Estados Unidos como um grande ponto de defesa da liberdade e destacou que um ataque a este, era um ataque a todo o modelo de vida ocidental. Desse modo, todos os países deveriam se unir em prol da liberdade e contra o terrorismo (DUTRA,2015). De acordo com Bush, três fatores eram de suma importância para a construção da estratégia de resposta aos ataques: o motivo dos ataques; quem era o inimigo; e quais seriam seus aliados externos. Nas palavras de Bush:

A América foi o alvo dos ataques porque nós somos o farol mais iluminado da liberdade e da oportunidade no mundo. E ninguém vai deixar essa luz parar de brilhar. Hoje a nossa nação viu o mal, o pior da natureza humana. E nós respondemos com o melhor da América. (...) A América com os nossos amigos e aliados se junta com todos aqueles que querem paz e segurança no

mundo, e nós estamos juntos para vencer a guerra contra o terrorismo (BUSH, 2001)³

Apesar de o discurso de Bush organizar a política externa que seria adotada a partir daquele momento, tal narrativa também refletiu de forma intensa e essencial para o sucesso dessa política, no âmbito interno.

Segundo Noam Chomsky (2001), os atentados do 11/09 foram algo completamente novo na história dos Estados Unidos, que nunca haviam sido ameaçados e atacados em larga escala dentro do seu território nacional, gerando um grande estado de alerta, medo e um forte sentimento anti-islâmico e anti-árabe. Desse modo, após os atentados do 11 de setembro de 2001, o governo Bush adotou uma série de políticas agressivas no combate ao terrorismo. Do ponto de vista doméstico, foi assinado o Ato Patriótico, documento que tinha por objetivo combater o terrorismo e que contou com a ampla aprovação do congresso estadunidense. Com o objetivo de elevar o terrorismo como ameaça internacional, o Ato Patriótico foi pautado em três grandes estratégias principais: (i) elaborar leis que combatessem o terrorismo em território nacional; (ii), elevar tais leis a níveis internacionais por meio da ONU; (iii) e defender a intervenção em Estados que “abrigassem” grupos terroristas (NASSER, 2021, p. 41).

Entretanto, segundo Saint-Pierre (2015) é necessário ressaltar que mesmo os atentados sendo considerados pelos EUA como atos terroristas, a própria noção de terrorismo é algo passível de várias interpretações nas Relações Internacionais (RI). Para Saint-Pierret, nas RI e na agenda dos estudos de segurança internacional, é de suma importância que o conceito de terrorismo seja abordado de um ponto de vista “polemológico”; ou seja, o que implica que seus estudiosos analisem os fenômenos históricos e as motivações políticas envolvidas nos atos terroristas, com o intuito de evitar um uso abusivo e sensacionalista do termo para causar medo. De acordo com Saint-Pierre afirma:

Isso obriga os estudiosos desses temas a intentar recuperar algumas das manifestações empíricas com que o fenômeno apareceu na história, assim como aquelas reflexões teóricas que esses fenômenos concitaram sobre o “terror” e o “terrorismo”. A partir desse esforço, talvez seja possível se aproximar de uma definição de “terrorismo” que impeça o emprego extensional, arbitrário e político do mesmo, que justifique, internacionalmente, punições desproporcionais contra países considerados “terroristas” ou do “eixo do mal” em qualquer parte do planeta e,

³ No original: “America was targeted for attack because we're the brightest beacon for freedom and opportunity in the world. And no one will keep that light from shining. Today, our nation saw evil, the very worst of human nature. And we responded with the best of America (...) America and our friends and allies join with all those who want peace and security in the world, and we stand together to win the war against terrorism” (BUSH, 2001). Tradução nossa.

internamente, a repressão indiscriminada e o atropelo aos direitos humanos e o Estado de Direito por uma guerra não definida e mal formulada (SAINT-PIERRE, 2015, p. 3).

Além da assinatura do Ato Patriótico, Bush passou a ressaltar incessantemente os ideais que pautavam a vida dos estadunidenses, como liberdade e valorização da democracia, para ilustrar que os atentados atacavam tudo aquilo que definia o povo norte-americano. Além disso, retoma uma política de demonização do povo árabe, aplicada anteriormente e com sucesso por seu pai antes e durante a Guerra do Golfo de 1991 (KELLNER, 2001, p. 265). Conforme ilustrado por Noam Chomsky (2017), uma das melhores estratégias que contribuem para assegurar a concentração de poder é a “fabricação do consenso”. Para isso é necessário que os governados se sintam desprovidos de poder, de modo que os poderosos possam governar e tomem decisões vantajosas apenas para si mesmos. Nesse momento, o método de fabricação de consenso usado pelo governo Bush foi a instrumentalização do medo, da desinformação e da violência. Usou-se de uma estratégia focada na repetição das imagens das torres caindo para incitar um sentimento de revolta, vingança e ansiedade nos Estados Unidos, contribuindo, de forma simbólica, para a construção de uma política externa ofensiva (MOTTA, 2014).

Os acontecimentos do 11/09 também contribuíram para o reaparecimento de discursos neoconservadores acerca da política externa estadunidense, que pareciam estar dormentes desde o fim da Guerra do Golfo. Para os neoconservadores, os Estados Unidos haviam falhado em manter uma política forte internacionalmente, sobretudo na ocasião da Guerra do Golfo, em que os Estados Unidos deveriam não só ter expulsado Saddam Hussein do Kuwait, como também tê-lo tirado do poder no Iraque. Tais discursos ganharam poder e avançaram na política de Bush por promoverem o medo e a desconfiança e o incentivo a uma resposta de vingança. Desse modo, o cenário de medo, ansiedade e falta de segurança assolou a população que se tornou propensa a se submeter a ter sua liberdade e privacidade limitadas e/ou questionadas (PECEQUILO, 2005).

Segundo Saint-Pierre (2015), os acontecimentos do 11/09 despertaram uma sensação de extremo desconforto e desamparo para a população norte-americana, ao “ficar[e]m surpresos, atônitos, sentindo pela primeira vez na pele a vertiginosa sensação da vulnerabilidade” (SAINT-PIERRE, 2015, p.22), pois seu país antes considerado intocável e invencível, havia sido alvo de uma tragédia sem precedentes. Com isso,

seus nacionais passaram a se sentir, de forma generalizada, como se todos eles fossem um grande alvo, o que, segundo o autor, significa dizer que o terrorismo cometido obteve sucesso, na medida em que gerou um rompimento do “tecido social”, desestabilizando a população e entregando-a ao medo (SAINT-PIERRE, 2015, p. 23)

Desse modo, no cenário doméstico, Bush pautou sua política em torno da imagem dos Estados Unidos como um lugar para norte-americanos e como uma grande potência internacional que foi atacada por seus valores de liberdade, sempre ressaltando que os cidadãos norte-americanos poderiam atuar ativamente para proteger sua pátria e que, mesmo mediante um cenário tão triste e negativo, os “terroristas” não conseguiriam destruir o espírito do povo estadunidense (DUTRA, 2015, p.165). O discurso de Bush adquiriu um certo tom de “cruzada”, onde ele colocava uma imensa separação entre “nós, as vítimas” e “eles, os agressores”. Tal discurso retoma o que o cientista político Samuel Huntington (1996) chamou de o choque de civilizações, em que ele defende que todos os conflitos internacionais ocorridos após a Guerra Fria aconteceriam entre os Estados considerados civilizados e aqueles que seriam uma ameaça a esses, e dentre eles estaria a “civilização islâmica”, por ter valores considerados como completamente opostos aos EUA e ao Ocidente.

Assim, os discursos acabam levando para uma lógica simplista: o inimigo é mau, é terrorista e deve ser combatido. Desse modo, a grandiosidade dos Estados Unidos é cada vez mais ressaltada e sua posição como potência mundial ganha ainda mais destaque. Bush aponta questões pelas quais os Estados Unidos deveriam ser vistos como uma fonte de influência, justificando por que outros países deveriam se aliar a eles: (i) a capacidade militar, que seria fundamental tanto no combate ao terrorismo como em proteger a população estadunidense; (ii) a necessidade de combater os terroristas ao redor do mundo, com o intuito de evitar novos ataques catastróficos (iii) habilidade dos EUA de reconstruir países destruídos por regimes opressores, em que um dos países em mente era o Afeganistão com o intuito de realizar uma operação para a captura de Osama Bin Laden, líder da Al Qaeda e responsável pelos atentados do 11/09; (iv) e sua capacidade de agir de forma unilateral no Sistema Internacional, o que sugere que os EUA garantiriam a sua segurança nacional acima da segurança coletiva, de modo que os outros países não iriam querer estar no radar negativo e/ou considerado contrário aos interesses estadunidenses (DUTRA, 2015, p. 166).

Com esse cenário em vista, Bush deu início à campanha militar antiterrorista que ficou conhecida como Guerra ao Terror contra países considerados por ele como o

“Eixo do Mal”, tanto de forma ideológica como nos casos de Irã, Iraque e Coreia do Norte, quanto física como Afeganistão e Iraque. Desse modo, Bush convocou uma grande aliança nacional e internacional para descobrir e punir os responsáveis pelo 11/09. Segundo Nasser (2021), a guerra contra o terrorismo não é uma guerra comum e nem segue padrões, tendo em vista que não existe um inimigo direto a ser conquistado, nem uma terra a ser apreendida e muito menos uma forma de saber se houve vitória ou não e nem pode contar com negociações para a elaboração de acordo de paz e finalmente pôr fim a esse conflito irresoluto.

Dentro da conjuntura apresentada é notável que ações belicistas passaram a se apoiar no conceito de legítima defesa, o qual foi utilizado para legitimar tanto a invasão do Afeganistão em 2001, quanto a do Iraque em 2003 (DUTRA, 2015, p. 166). Um mês após os atentados, os Estados Unidos invadem o Afeganistão, ação que fez parte da referida “Guerra ao Terror”. Em janeiro de 2002, Bush realizou um discurso para informar a população, de forma não detalhada, como estava a operação no Afeganistão. Em suas palavras:

Nós nos encontramos pela última vez em um momento de choque e sofrimento. Em quatro curtos meses, a nossa nação tem confrontado as vítimas, começou a reconstruir Nova York e o Pentágono, reunimos uma grande coalizão, capturamos, prendemos, e livramos o mundo de milhares de terroristas. Destruímos os campos de treinamento terrorista no Afeganistão, salvamos uma população da fome, e libertamos um país de uma opressão bruta (...) esses inimigos veem o mundo inteiro como um campo de batalhas, e nós devemos persegui-los onde quer que eles estejam. (...) enquanto campos de treinamento existirem e nações acobertarem terroristas, a liberdade está em risco. E a América e os seus aliados não devem, e não irão permitir que isso aconteça (BUSH, 2002)⁴.

Dessa forma, mais uma vez, Bush colocou os Estados Unidos no centro do mundo visto como civilizado e grande defensor da liberdade, trabalhando em conjunto com seus aliados para acabar com o terrorismo e conceder liberdade aos indivíduos dos Estados oprimidos por grupos terroristas e governos coniventes. Ainda no mesmo discurso Bush atacou verbalmente o Iraque, afirmando que eles mantinham uma posição de hostilidade para com os Estados Unidos e a luta pela liberdade (BUSH, 2002).

⁴ No original: “We last met in an hour of shock and suffering. In four short months, our nation has comforted the victims, begun to rebuild New York and the Pentagon, rallied a great coalition, captured, arrested, and rid the world of thousands of terrorists, destroyed Afghanistan's terrorist training camps, saved a people from starvation, and freed a country from brutal oppression (...) These enemies view the entire world as a battlefield, and we must pursue them wherever they are. So long as training camps operate, so long as nations harbor terrorists, freedom is at risk. And America and our allies must not, and will not, allow it” (BUSH, 2002). Tradução nossa.

Entretanto, apesar de frequentes ataques verbais ao Iraque, a construção da necessidade de se intervir neste país foi mais longa e complicada do que o caso afegão, e para isso é necessária uma análise do contexto histórico que a antecedeu. Em 1989, com o fim da Guerra Fria, o Iraque passou a disputar o controle e a influência da região do Golfo com os EUA. Com a intenção de se tornar uma grande potência na região, o Iraque começou a reforçar sua capacidade militar, o que incluiu a obtenção de materiais para a fabricação de armas nucleares e armas de destruição em massa (LOUSADA, 2008). Em paralelo a isso, outro elemento relevante era a questão do petróleo, uma das mais importantes fontes econômicas, em que os países do Golfo, incluindo o Iraque e o Kuwait, são grandes produtores. A estratégia do Iraque era a de diminuir os preços do petróleo para que os países ficassem mais dependentes da OPEP a longo prazo, tendo em vista que o Kuwait estava imerso em uma superprodução de petróleo, que o desvalorizava e mantinha os rendimentos baixos para o Iraque. Com isso em vista, em 1990, o Iraque se voltou contra o Kuwait e o invadiu. Em agosto de 1990, Bush pai começou a mobilizar o envio de tropas para a região do Golfo, entretanto, o uso legítimo da força só foi aprovado pela ONU em novembro iniciando-se a Operação Tempestade do Deserto (FINLAN, 2003).

Em âmbito interno, os Estados Unidos experienciaram uma campanha midiática anti-árabe bastante intensa. Kellner (2001, p. 256) afirma que a Guerra do Golfo foi mais do que apenas uma campanha militar, mas também um evento cultural e político que tinha por objetivo conquistar o apoio popular para a guerra. O governo Bush pai e vários meios de comunicação iniciaram uma campanha de mentiras e desinformação assim que as primeiras tropas foram enviadas; e, com ajuda de grandes jornais, como o Washington Post, conseguiram marginalizar Saddam Hussein e o povo iraquiano. Kellner aponta ainda (2001, p. 256) que logo após a primeira fase da invasão foram poucos os meios de comunicação que não aplaudiram a ação militar, com reportagens, comentários e discussões televisionadas, em que optaram pela primazia da ação militar seguindo um roteiro de legitimação pré-estabelecido.

Tendo isso em vista, é possível observar que o histórico de relações conturbadas entre os Estados Unidos e o Iraque se iniciam antes mesmo do 11/09. Segundo Fay (2003, p.14), os atentados do 11/09 e a Guerra o Terror serviram como perfeitos álibis para desviar a atenção do verdadeiro interesse estadunidense na região iraquiana, o petróleo. Segundo ela, a retirada de Saddam Hussein do poder proporcionaria um maior controle do petróleo mais competitivo e fácil de extrair do mundo. O petróleo contido

na região do golfo mostrava-se como algo de extrema importância para a hegemonia norte-americana, tendo em vista que, segundo Noel (2003) os Estados Unidos consumiam mais petróleo do que produziam, tornando-os dependentes dos países da OPEP a longo prazo. Sendo assim, era de grande interesse estratégico que eles investissem na proteção e garantissem o escoamento do petróleo da região do golfo para os Estados Unidos (NOEL, 2003, p. 7).

Sendo assim, a administração do governo Bush recorreu a várias alegações para justificar a futura invasão ao Iraque: (i) a de que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa; (ii) a vinculação de Hussein com a Al Qaeda e a necessidade de combater o terrorismo e prevenir ameaças aos países vizinhos; (iii) e a busca por libertar o povo iraquiano da tirania. Entretanto, tais alegações não foram bem recebidas por toda a comunidade internacional, visto que países como Rússia, França e China posicionaram-se contra a invasão (FAY, 2003, p. 14).

No entanto, segundo Bresser-Pereira (2003), os argumentos usados para justificar a intervenção não foram convincentes, pois, segundo ele, uma guerra desestabilizaria ainda mais o Oriente Médio e aumentaria as condições locais para o surgimento de grupos terroristas, em contradição aos objetivos inicialmente apresentados pela administração Bush filho. Dessa forma, para o autor, a guerra do Iraque foi além do interesse econômico no petróleo, na medida em que o governo Bush queria afirmar seu próprio poder e mostrar ao mundo que ninguém poderia fazer frente à potência norte-americana. Nas palavras de Bresser-Pereira:

Segundo essa lógica, já que os Estados Unidos são hegemônicos no campo econômico e militar, têm poder imperial, e assim devem agir. Aliás, como todos os impérios no passado agiram. Usando da força, impondo sua vontade. Estamos, assim, diante de uma atitude de orgulho (BRESSER-PEREIRA, 2003, p. 55).

A alegação sobre o Iraque possuir armas de destruição de massa foi contestada pelo próprio Saddam Hussein, através de uma mensagem enviada à Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2002, afirmando que o país não possuía qualquer tipo de arma nuclear, química ou biológica, afirmação esta contestada pelos Estados Unidos. Além disso, houve o envio de missões da ONU e da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) ao Iraque. No entanto, mesmo com todas essas manifestações e tentativas de soluções diplomáticas, os Estados Unidos ainda mantiveram sua desconfiança e justificativa para a intervenção. Ademais, apesar de existir a alegação de libertar o povo iraquiano, não existia um consenso de que a população iraquiana queria

de fato ser “libertada de Saddam”, tendo em vista uma grande quantidade de opiniões heterogêneas presentes nela, que não foi difundida, pois existiu um “apagamento” de todo tipo de resistência democrática iraquiana que era a favor de soluções diplomáticas e pacíficas, ou simplesmente de uma não intervenção norte-americana (CHOMSKY, 2013, p. 56-57).

Além disso, em fevereiro de 2003, o chefe da missão da ONU responsável por vistoriar o Iraque, Hans Blix, apontou ser necessário mais tempo para averiguar se existiam de fato armas de destruição em massa em território iraquiano. Blix afirmava que os setores iraquianos estavam colaborando com a investigação e que evidências dessas armas não tinham sido encontradas até aquele momento. Entretanto, no mês seguinte, o ex-Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, apresentou ao Conselho de Segurança das Nações Unidas informações e gravações de fontes sigilosas que supostamente provariam o envolvimento prévio e contínuo de Hussein com o projeto de aquisição e produção de armas de destruição em massa, além de uma tentativa deste de escondê-las antes da invasão. Nesse sentido, Powell afirmou:

Eu não posso dizer tudo o que nós sabemos. Mas o que eu posso compartilhar com vocês, quando combinado com tudo que nós aprendemos ao longo dos anos, é profundamente problemático. O que vocês verão é uma acumulação de fatos e perturbadores padrões de comportamento. Os fatos e o comportamento iraquiano demonstram que Saddam Hussein e seu regime não têm feito nenhum esforço para se desarmar, como exigido pela comunidade internacional. Realmente, os fatos e o comportamento iraquiano mostram que Saddam Hussein e seu regime estão escondendo seus esforços para produzir mais armas de destruição em massa.” (CSNU, 2003, tradução nossa⁵)

Somado a isso, Powell insistiu em atrelar o Iraque ao terrorismo, especialmente à Al Qaeda, alegando que um governo como o de Saddam Hussein poderia facilmente distribuir armas de destruição em massa para vários outros grupos terroristas (CSNU, 2003).

Após tais alegações, França e Rússia posicionam-se contra a guerra. O presidente da França, Jacques Chirac, declarou: "para nós, a guerra é sempre a prova do fracasso e a pior das soluções, então tudo deve ser feito para evitá-la". Ainda, nas palavras do presidente da Rússia, Vladimir Putin: "se permitirmos que a lei internacional seja substituída pela lei da primazia, então o princípio da inviolabilidade

⁵ No original: “I cannot tell you everything that we know. But what I can share with you, when combined with what all of us have learned over the years, is deeply troubling. What you will see is an accumulation of facts and disturbing patterns of behaviour. The facts and Iraq’s behaviour demonstrate that Saddam Hussain and his regime have made no effort to disarm as required by the international community. Indeed, the facts and Iraq’s behaviour show that Saddam Hussain and his regime are concealing their efforts to produce more weapons of mass destruction” (CSNU, 2003).

da soberania dos Estados será questionado" (GUERRA DO IRAQUE...2018). Entretanto, Bush seguiu os planos de sua administração e em um discurso televisionado afirmou que as negociações diplomáticas com o Iraque haviam sido encerradas (IRAQUE: a guerra..., 2021).

Por fim, os Estados Unidos, em março de 2003, deram um ultimato de 48 horas para que Saddam e seus filhos saíssem do Iraque, o que não aconteceu. Então, em 19 de março de 2003, os EUA, liderando uma coalizão internacional, invadem o país (MACIEIRA, 2003, p. 33). A coalizão representava uma série de objetivos a serem alcançados, como: estabilizar o Iraque; neutralizar o regime de Saddam Hussein; garantir a renúncia ao desenvolvimento e uso de armas de destruição em massa; o não apoio ao terrorismo em países vizinhos; a destruição das redes terroristas e das estruturas de produção das armas; e, por fim, garantir a liberdade do povo iraquiano (MOSELEY, 2003, p. 4). Dentro desse cenário, deu-se início a “Operação Liberdade Iraquiana”.

A invasão foi comandada pelo general Tommy Franks, o qual estabeleceu alguns objetivos a serem alcançados: ganhar e manter a supremacia aérea, marítima e espacial; destruir a liderança do regime; capturar as forças iraquianas; anular o sistema de Comando e Controle (C2) do regime iraquiano e as suas forças de segurança; aniquilar as pretensões iraquianas de lançamento de armas de destruição em massa por meio de sistemas de mísseis; tomar o controle da infraestrutura de produção das armas de destruição em massa; garantir a integridade territorial iraquiana; contar com as forças nacionais para as operações após o fim do conflito e começar uma assistência humanitária para a população iraquiana; enumerar as condições militares necessárias para a instalação de um governo provisório ou definitivo; e garantir o apoio internacional e regional, objetivos estes que foram divididos em 4 fases, sendo a primeira e a segunda referentes à preparação e deslocamento das forças terrestres e aéreas (MOSELEY, 2003, p. 4).

Segundo Macieira (2003), a invasão ao Iraque já estava sendo planejada desde 2001, conforme apontado por Clarke (2004, p. 38), a intervenção foi o plano mais meticuloso e detalhado da história dos Estados Unidos, o qual visava fornecer as circunstâncias necessárias para o declínio do regime, por meio de ataques síncronos, concêntricos e ordenados em cinco frentes diferentes, com sete linhas de ação e divididas em quatro fases. As frentes foram divididas em norte, que ocupava o norte do território iraquiano garantindo uma vantagem tática; sul, onde foi realizado o ataque

principal; oeste, onde um grupo de forças especiais deveria evitar que as defesas iraquianas se reagrupassem e se fortalecessem; e uma última, de Operação de Informações, destinada a manter o plano em segredo e incitar decisões precipitadas aos iraquianos, garantindo vantagens à coligação (DELONG, 2004, p. 79).

As primeiras e segunda fases foram destinadas à preparação e posicionamento das tropas, enquanto a fase três dizia respeito a Operações Ofensivas/Decisivas, as quais pontuaram o início das operações de combate, com o lançamento, em conjunto, das estruturas terrestre, naval e aérea, com o intuito de atingir Bagdá e Tikrit e tirar Saddam Hussein do poder. Esta fase transcorreu de 20 de março até 14 de abril de 2003 e, por fim, a fase quatro referia-se às Operações de Estabilização, as quais eram responsáveis por ações de assistência humanitária e de reconstrução das infraestruturas, e se iniciaram junto com a fase três (MACIEIRA, 2003, p. 27-28)

A invasão começou com um intenso bombardeamento aéreo contra as principais cidades iraquianas e o exército iraquiano foi rapidamente superado pelas forças armadas da coalizão. Em 9 de abril de 2003 Bagdá foi tomada pelos estadunidenses, derrubando uma enorme estátua de Saddam Hussein, para marcar o encerramento do seu período de 24 anos no poder. Em 15 de abril a coalizão declarou que a guerra estava encerrada, sendo possível passar para as demais etapas da intervenção (COLLIER, 2003). Segundo o Iraq Body Count Project (2003), 9200 soldados iraquianos e 7299 civis foram mortos e, conforme a CNN, 139 militares norte-americanos e 33 britânicos foram mortos nessa fase três da guerra (CORNETTA, 2003).

Conforme apontado por Macieira (2003), as forças iraquianas eram precárias em relação às da coligação, visto que dependiam direta e indiretamente de Saddam Hussein. Os combatentes eram escolhidos não por suas habilidades e sim por sua lealdade ao regime, o que tornava as forças passíveis de aceitar indivíduos que não tivessem experiência alguma em combate. A Guarda Republicana e a Guarda Republicana Especial respondiam diretamente a Saddam Hussein e ao seu filho Qusay Hussein. Todos os comandantes dos escalões mais altos eram selecionados e escolhidos apenas pelo regime, tornando-os muitas vezes menos efetivos e que se provaram ineficientes ao longo do conflito. Macieira (2003) afirma que com o decorrer da operação ficou explícito a falta de tecnologia, de treinamento dos combatentes e infraestrutura ultrapassada, o que contribuiu para que eles fossem subjugados rapidamente (MACIEIRA, 2003, p. 31).

No dia primeiro de maio, Bush proferiu um discurso no porta-aviões USS Abraham Lincoln, o qual recebia um contingente de soldados que retornavam da região do Golfo. O discurso de Bush, transmitido por todo os Estados Unidos, teve um caráter messiânico de celebração perante uma “missão cumprida”, mas apontando que ainda existia trabalho a ser realizado, tendo em vista que o paradeiro de Hussein ainda era incerto, o que constituía uma ameaça aos iraquianos. De acordo com Bush:

Nesta batalha, lutamos pela causa da liberdade e pela paz do mundo. Nossa nação e nossa coalizão estão orgulhosas dessa conquista – mas são vocês, os membros das forças armadas dos Estados Unidos, que a conquistaram. Sua coragem – sua disposição de enfrentar o perigo pelo seu país e pelo outro – tornou este dia possível. Por sua causa, nossa nação está mais segura. Por sua causa, o tirano caiu e o Iraque está livre (...) temos um trabalho difícil a fazer no Iraque. Estamos trazendo ordem a partes desse país que continuam perigosas. Nossa missão continua... A Guerra ao Terror continua, mas não é interminável. Não sabemos o dia da vitória final, mas vimos a virada da maré (...) as principais operações de combate no Iraque terminaram. Na batalha do Iraque, os Estados Unidos e nossos aliados prevaleceram (BUSH, 2003)⁶

Dessa forma, em 12 de maio, após a queda do regime, um novo administrador foi escolhido e enviado para Bagdá: o diplomata Paul Bremer. Este então passa a administrar a cidade a partir de um local bastante protegido, centralizado e isolado do resto da cidade, chamado “Zona Verde”. Bagdá estava sem eletricidade, sem água, com bastante lixo, além de vários estabelecimentos estarem fechados, pois seus administradores tinham medo de serem saqueados (IRAQUE: a guerra..., 2021).

Com isso, os Estados Unidos e a coalizão enviaram novas tropas ao Iraque para conter o caos pós-guerra. Estavam ocorrendo pilhagens em massa em prédios do governo, museus, residências, bancos e estruturas militares. Segundo o Pentágono, 250 mil toneladas de material para a fabricação de armas foram pilhadas para fornecer uma fonte considerável para uma reação iraquiana. Além disso, existiu a decisão de Bremer de demitir todos os soldados e indivíduos integrantes do Partido Baath que fossem funcionários públicos, tendo em vista que o Partido era do grupo de Saddam, que controlava a vida no Iraque, a qual causou imensa insatisfação. Era visível que a

⁶ No original: “In this battle, we have fought for the cause of liberty, and for the peace of the world. Our nation and our coalition are proud of this accomplishment — yet it is you, the members of the United States military, who achieved it. Your courage — your willingness to face danger for your country and for each other — made this day possible. Because of you, our nation is more secure. Because of you, the tyrant has fallen, and Iraq is free (...) We have difficult work to do in Iraq. We are bringing order to parts of that country that remain dangerous. Our mission continues...The War on Terror continues, yet it is not endless. We do not know the day of final victory, but we have seen the turning of the tide (...) Major combat operations in Iraq have ended. In the battle of Iraq, the United States and our allies have prevailed” (BUSH, 2003).

ocupação norte-americana estava nutrindo sentimento de revolta e frustração no povo iraquiano, especialmente nas cidades historicamente vinculadas a Saddam Hussein, como Tikrit e Fallujah. Sendo assim, várias pessoas ficaram desempregadas e sem fonte de renda (IRAQUE; A GUERRA...2021).

Em 29 de maio Bush concedeu uma entrevista na televisão estadunidense, onde informava que as armas de destruição em massa haviam sido encontradas. Entretanto, um ex-agente da CIA, que foi responsável por interrogar Hussein após sua captura, afirmou que o líder iraquiano tinha encerrado o projeto vários anos antes e não apresentava intenções de retomá-lo. Ademais, uma matéria do The New York Times ilustrou que as ocasiões em que soldados estadunidenses encontraram vestígios de armas químicas, não eram aquelas as quais os norte-americanos pretendiam destruir, mas sim apenas restos de um projeto do governo Saddam Hussein que havia sido abandonado muitos anos antes (GUERRA DO IRAQUE...2018).

Mesmo após a vitória as tropas norte-americanas foram mantidas em território iraquiano, as quais foram responsáveis por episódios de grande violência. Segundo Al Shawi (2015) houve uma grande negligência com o território iraquiano por parte dos invasores, em que os incontáveis bombardeios destruíram a cidade, além das inúmeras vítimas que eram civis. Houve também uma grande destruição arqueológica e cultural. Shawi (2015) aponta que as tropas estadunidenses não só saqueavam como também incitavam outros a fazê-lo, como um ato simbólico de que o regime de Hussein não mais existia. Conforme aponta Bailey (2004), as perdas iraquianas no contexto cultural também são irreparáveis:

No decorrer de todos esses anos é incalculável a quantidade de itens destruídos e saqueados em todo o Iraque. Dado a fragilidade dos suportes, o que foi destruído dificilmente poderá um dia voltar à 'vida'. Deve-se então acrescentar a este contexto, a Guerra do Iraque, que protagonizou a maior destruição cultural desde a Segunda Guerra Mundial. (BAILEY, 2004).

No decorrer do ano de 2003 a resistência iraquiana foi ficando cada vez mais intensa e agindo de forma mais violenta, tendo em vista que os iraquianos estavam descontentes e denunciavam casos de abusos e corrupção dos soldados estrangeiros. Somado a isso, apontavam o fracasso das tropas invasoras em recuperar o fornecimento de recursos básicos como água e infraestrutura, o que apenas fortalecia o rancor regional. O número de investidas contra soldados estadunidenses crescia exponencialmente e o uso de equipamentos explosivos improvisados pelos iraquianos tornou-se rotineiro. A Anistia Internacional apontou que existiam mais de 2 mil

iraquianos aprisionados no país. A precária situação levou a desdobramentos ainda piores a partir de 2004, tendo em vista que uma violenta insurreição se formou contra as tropas estrangeiras e houve o início de uma cólera civil, da comunidade muçulmana xiita contra a sunita, que correspondia a 40% da população e aqueles que regiam o país na direção de Hussein (IRAQUE: a guerra...2021).

Em março de 2004 novamente ocorreram insurgências violentas contrárias à ocupação, em que um grande contingente de soldados foi atacado por um grupo de iraquianos e quatro agentes estadunidenses foram mortos e seus corpos incendiados e pendurados numa ponte que passava sobre o rio Eufrates. Tendo isso em mente, soldados americanos reagiram com um ataque pesado e desproporcional contra toda a cidade de Falluja. Além disso, em abril do mesmo ano, várias fotos e vídeos de cenas de tortura e humilhação de prisioneiros iraquianos, nus e em situação bastante precária na prisão de Abu Ghraib foram vazadas pela TV CBS e publicadas na revista *The New Yorker*. Situações estas que ilustram alguns dos excessos cometidos pelas tropas estadunidenses (IRAQUE: a guerra..., 2021).

Tendo isso em vista, é possível relacionar o posicionamento norte-americano com o pensamento de Clausewitz acerca da guerra. Segundo ele, a guerra seria uma continuação da política de Estado através de outros meios; seria um ato de força para compelir os inimigos a agirem de acordo com a vontade de quem exerce a força (FULLER, 2002, p. 62). Sendo assim, conforme o apontado por Teixeira (2005), a guerra do Iraque e a contínua presença ostensiva de tropas norte-americanas seria na verdade uma solução para um longo impasse norte-americano. Através dela os EUA recuperaram sua capacidade de uma política externa autônoma, na qual não dependiam de nenhum consenso ou aprovação dos países do sistema internacional. Além disso, teriam alcançado a superação da apelidada “síndrome do Vietnã”, tendo em vista que dessa vez obtiveram um apoio maciço da população, além de provar seu poderio militar e ter acesso ao petróleo na região.

Conforme apontam Gremaud e Fernandes (2003), o estado geral de insegurança com a presença norte-americana teve na verdade um efeito contrário. Ao invés de abrandar a insegurança, a permanência das tropas no local possibilitava cada vez mais a ação de retaliações, mantendo o ambiente frequentemente tenso e inflamado.

Já em junho de 2004, as forças norte-americanas tentaram reconduzir a administração política aos iraquianos. Paul Bremer deixou o cargo de administrador e este passou a ser governado por um primeiro-ministro interino, Iyad Allawi, que representava a comunidade xiita, fazendo com que os sunitas se sentissem anulados, o que tornou o cenário propício para a eclosão de uma possível guerra civil entre xiitas e sunitas (IRAQUE: a guerra... 2021). E em 2006, Saddam Hussein é executado.

Entretanto, apesar de tantas controvérsias e divergências acerca da invasão estadunidense, as tropas só foram retiradas do Iraque, oficialmente em dezembro de 2011, finalmente encerrando o conflito.

4 RELATOS DE UMA GUERRA

“Fight for honor, fight for your life, Pray to God that our side is right, Even though we won, I still may lose Until I make it home to you, I see our mothers filled with tears, grew up so fast, where did those years go? Memories won't let you cry, unless I don't return tonight” (M.I.A, Avenged Sevenfold, 2005)⁷

Como já referido anteriormente, a literatura acerca da intervenção estadunidense no Iraque é bastante extensa. Entretanto, ela tende a ser enviesada em suas escolhas de como abordar esse tema. A maioria dos autores e autoras se debruçam na questão da política externa estadunidense ou no papel da mídia no desenrolar do conflito, como por exemplo no caso de Kissinger (2003), Rai (2003), Cunha (2009) dentre outros. Sendo assim, muito pouca da literatura destinada ao assunto se preocupa com as percepções individuais dos envolvidos, ainda que a análise destas percepções seja de fundamental importância para compreender as diversas nuances e controvérsias da intervenção. Além disso, uma análise da intervenção a partir desse recorte em muito contribuiria para o entendimento da relevância de relatos individuais para a construção do cenário internacional.

Segundo Castro (2012), o ser humano deve ser entendido como o princípio das relações internacionais. Sendo assim, é imprescindível apresentar os relatos, as entrevistas e as cartas de civis iraquianos e soldados norte-americanos imersos diretamente no conflito explorado nesta pesquisa. Ademais, conforme aponta Enloe (1989), o pessoal também é internacional. A partir desta reflexão, o presente trabalho irá utilizar, entre outros, o trabalho do autor Mark Kukis, o qual fornece inúmeros relatos pessoais de diversos civis iraquianos. Tais relatos foram analisados e fundamentam grande parte desta pesquisa.

Somado a isto, o autor e cinegrafista Michael Moore coletou e publicou diversas cartas recebidas por soldados estadunidenses em serviço durante a intervenção de 2003. Assim como os relatos apresentados por Kukis, estas cartas foram lidas, examinadas e usadas na presente pesquisa com o intuito de ressaltar a importância das experiências pessoais dentro de conflitos, tendo em vista que, segundo afirmado por Hoffman (1977), questões políticas são mais bem definidas em tempos de guerra e paz, e profundamente influenciadas por questões sociais.

⁷ Tradução nossa : “Lute pela honra, lute pela sua vida, Reze a Deus para que o nosso lado esteja certo. Mesmo que ganhemos, talvez eu perca. Até que eu volte para casa para você. Eu vejo nossas mães cheias de lágrimas. Crescemos tão rápido, para onde esse anos foram? Memórias não vão deixar você chorar A não ser que eu não volte esta noite”

É necessário também salientar o processo de coleta dos dados fornecidos a seguir. Primeiramente, no que diz respeito aos relatos de civis iraquianos, devido à impossibilidade de realizar uma pesquisa de campo e coletá-los pessoalmente, o livro do autor Mark Kukis, “Voices from Iraq; A People's History, 2003–2009” foi utilizado como a principal fonte de coleta. Kukis é professor na Universidade Columbia e coletou os relatos pessoalmente em 2006, quando serviu de correspondente para a revista Times. Foram lidas 71 cartas e entrevistas, as quais foram sistematizadas de acordo com localização geográfica, gênero dos entrevistados e por suas opiniões acerca da invasão norte-americana. Por fim, uma segunda leitura foi realizada, depois da sistematização, com o intuito de filtrar e escolher os relatos que compõem a pesquisa.

Já para o caso dos soldados norte-americanos, a principal fonte utilizada foi o livro do autor e cinegrafista Michael Moore, que foi elaborado a partir de 107 e-mails de soldados servindo ou que já haviam servido no Iraque recebidos por ele. Os e-mails foram sistematizados de acordo com as opiniões dadas por eles. Novamente, seguindo o processo supracitado, uma nova leitura para a escolha dos e-mails apresentados a seguir. Além disso, o artigo “A Guerra do Iraque: o olhar dos soldados estadunidenses e suas angústias no front” do autor Marcelo G. Bonfim (2015), com o intuito de confirmar e endossar a situação política e social contidas nos e-mails fornecidos por Moore.

4.1 Soldados norte-americanos

“Se esta guerra se disseminar num conflito maior e centenas de milhares de jovens americanos forem mortos, não serão os senadores americanos que vão morrer. Serão os soldados americanos que são jovens demais para se candidatarem ao Senado” (MCGOVERN, 2003)

Para a elaboração desse subtópico foram analisadas as cartas de soldados norte-americanos e de alguns de seus familiares, fornecidas pelo escritor e cineasta Michael Moore no livro “Cartas da Zona de Guerra: algum dia voltarão a confiar na América?”. Moore aponta que a ideia de compilar esse livro se deu a partir de uma conversa que teve com um oficial da marinha, recém-chegado do Iraque, ocorrida após o discurso polêmico de Moore no Oscar em 2001, no qual atacava o Presidente Bush e sua predisposição à invasão ao Iraque. O oficial, o qual optou por permanecer anônimo, afirmou que primeiramente ao ouvir o discurso de Moore ficou profundamente irritado e o considerou antipatriota. Entretanto, após passar alguns meses no Iraque, percebeu que

a presença estadunidense na região não só era desnecessária, como também altamente indesejada por grande parte da população local. Ademais, afirmou ter percebido que a guerra serviu apenas para “...ferrar os bolsos de uns poucos homens ambiciosos “ (MOORE, 2004, p. 14). Somado a isso, afirmou a Michael que não era um único dentre o corpo militar estadunidense que se sentia daquela forma, o que deixou Moore incrédulo (MOORE, 2004, p.11)

Entretanto, poucas semanas após o discurso, Moore passou a receber uma enxurrada de e-mails de diversos soldados enviados ao Iraque, a grande maioria expressando uma grande desilusão com a missão para a qual haviam sido “destinados”. Michael afirmou que era necessário ressaltar “... o fato de que não são palavras da esquerda, ou a retórica do movimento contra a guerra- eles são o movimento da guerra... homens e mulheres que aos poucos percebem que seu trabalho pouco tem a ver com a defesa dos EUA” (MOORE, 2004, p. 15).

As cartas estavam inundadas de sentimentos dúbios, confusos e tristes, mas há também aquelas que persistem em defender a missão à qual foram designados. Muitas delas relatam a surpresa dos soldados estadunidenses ao serem recebidos pelos iraquianos com tanta hostilidade e pouco desejo de cooperar. Para os soldados, as únicas notícias que chegavam eram as de que o povo iraquiano almejava sua presença e desejava que lutassem contra o tirano e os salvassem (BONFIM, 2015, p. 218). Isso pode ser relacionado, como supracitado, com o ilustrado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009) como o “perigo de uma história única”, a qual define como o afastamento cultural entre povos dominantes e povos colonizados; ou seja, os conhecimentos de um sobre o outro são baseados em estereótipos, criando uma dificuldade de assimilação e empatia por serem muito “diferentes”. De acordo com Adichie:

O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2009, p. 9).

Mesmo existindo uma preocupação dos soldados estadunidenses com o povo iraquiano, na busca por entendê-los a ponto de despertar uma consequente empatia, parece existir nas cartas uma preocupação maior com o medo que tinham, inicialmente, de serem atacados por armas químicas. Além disso, na nossa leitura das cartas há a

identificação de um grande sentimento de traição do governo norte-americano, tendo em vista que, com o passar do tempo alguns soldados identificavam que a guerra seria, na verdade, motivada pela busca de petróleo e que as armas químicas não existiam (BONFIM, 2015, p. 218). Ademais, o grande sentimento de defesa da “nação”, presente nos soldados norte-americanos, parece ter sofrido um grande impacto e perdido a maior parte do seu apelo para aqueles que enviaram muitas das cartas.

Exemplo disso pode ser notado em um relato anônimo enviado a Moore em julho de 2004. O soldado afirmou (2004) que entrou para as forças armadas em 2001, e que lá dentro sofreu uma “grande lavagem cerebral”, pois foi para o Iraque “...com a ideia de matar pessoas que eu achava que eram horríveis. Era do tipo: Foda-se o Iraque, fodam-se essas pessoas, espero que a gente mate milhares”. Em contrapartida, passados alguns meses no Iraque, ele percebeu que a situação era completamente diferente. O soldado relatou identificar que na verdade foram enviados para lá apenas por vingança e ódio, pois o presidente Bush filho não aceitava que existiam pessoas diferentes deles [dos norte-americanos] e que isto não significava que os outros estavam errados e/ou eram inimigos. Nesta carta, o soldado ainda acrescentou afirmando que “...eu achava que nós éramos os mocinhos.” (MOORE, 2004, p.61)

Uma outra carta analisada é a de Rick Bauer, enviada ao e-mail de Moore em abril de 2004. Bauer afirmou que primeiramente se alistou no exército estadunidense por conta da ameaça da Al Qaeda e que tinha orgulho de fazer seu papel pelo seu país, mas que tudo mudou depois que foi enviado ao Iraque. Nas palavras de Bauer:

Tivemos orgulho de fazer a nossa parte pelos Estados Unidos e pela segurança do mundo. [...]. Fui enviado para cá dois anos atrás como parte do esforço de guerra no Afeganistão. Mas quando os tambores de guerra começaram a rufar pelo Iraque, não consigo descrever a sensação de afundamento que muitos de nós sentiram aqui. [...]. Enquanto os países do Golfo, sem exceção, desprezam Saddam e seus filhos, a invasão do Iraque é vista, quase sem exceção, como uma competição de ressentimentos entre os Bushs e os Husseins. O fato de civis iraquianos ter de sofrer incontáveis baixas incontáveis, a fim de decidir essa antiga rixa de sangue, continua alimentando o ressentimento entre os árabes locais (MOORE, 2004, p. 26).

Bauer escreveu com certo orgulho acerca da sua participação no Afeganistão, pois a considerava válida e justa, mas refuta a possibilidade de os ataques do 11 de setembro estarem relacionados com a Guerra do Iraque, o que ilustra também um pouco dos sentimentos dúbios e confusos entre os soldados (BONFIM, 2015, p. 221)

Como supracitado, houve também a surpresa dos soldados estadunidenses em serem recebidos de forma hostil pelos civis, além de alguns que nem mesmo sabiam o que de fato estava acontecendo. O soldado Kyle Waldman enviou seu e-mail em

fevereiro de 2004, que ilustra o cenário de desconfiança e confusão em que os iraquianos estavam imersos, Waldman escreve:

Havia alguns agricultores que nem mesmo sabiam que houve uma Tempestade do Deserto ou uma Operação Liberdade do Iraque. Foi então que me dei conta de que essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela, e não pelo seu povo; nós, como as Forças de Coalizão, não libertamos esse povo; nós, mergulhamos ainda mais na pobreza. [...] o Iraque não foi e não é uma ameaça iminente aos Estados Unidos ou ao resto do mundo. (MOORE, 2004, p. 30).

Sendo assim, Bonfim (2015) ironiza o nome da operação ter sido batizada de “Iraq Freedom”, visto que a política de Bush foi pautada grande parte na defesa e libertação do povo iraquiano que nem sequer os considerava bem-vindos.

Somado a este, podemos observar o e-mail do soldado especialista Willy, que foi enviado em março de 2004, no qual ele afirma que há um descuido por parte do sargento do seu pelotão com as vidas iraquianas, Willy aponta: “É duro ouvir o sargento do meu pelotão dizer ‘Se vocês decidirem que querem matar um civil de aparência ameaçadora, atirem nele. Prefiro encher uma papelada do que ter um dos meus soldados morto por um cara de turbante’” (MOORE, 2004, p. 36), o que mostra novamente uma incoerência, se a missão era para salvar o povo iraquiano, suas vidas não deveriam ser resumidas a uma papelada ou ter um valor inferior a de um estadunidense. Willy continua: “Nos ensinam que, se alguém ao menos nos olhar de forma ameaçadora, temos de fazer algo com ele antes que ele faça algo com a gente. Não fui criado com esse tipo de temor, e vou demorar a me acostumar com isso” (MOORE, 2004, p. 36).

Nesse contexto, outro e-mail que chama atenção é o de Joseph Cherwinski, enviado em julho de 2004, onde ele afirma que havia conversado com diversos operários iraquianos que iam à sua base para trabalhar e eles afirmavam que a situação do povo ou havia piorado ou estava a mesma coisa com a presença estadunidense, que precisavam de roupas, comida, água e também de eletricidade. Acrescenta que um dia estava vigiando um grupo desses operários, que tinham que encher sacos de areia para levar à base debaixo de um calor de 50 graus, que como ele mal conseguia suportar o calor, deixava que de 30 em 30 minutos, eles fizessem uma pausa e descansassem por 20 minutos na sombra, mas, que um suboficial aparecera e mandara que os iraquianos voltassem a trabalhar e que ele não precisava ficar ali no calor, que os iraquianos eram acostumados àquela situação. Porém, mesmo com o descaso de alguns oficiais, Joseph opta por desobedecer às ordens e seguir dando descansos aos operários, em suas palavras:

Após cerca de 30 minutos, mandei que eles fizessem outra pausa, desse modo, desobedecendo ordens. Se fossem soldados enchendo sacos de areia, naquele calor todo, eles fariam um período de 10 minutos de trabalho por 50 minutos de descanso, para evitar baixas motivadas pelo calor...depois que ele [o suboficial] foi embora, coloquei de volta os iraquianos na sombra. Podia perceber, pelos rostos deles, que alguns estavam bastante desidratados; a maioria era magra o bastante para estar em um comercial de ajuda internacional de combate à fome. Eu não trataria meus colegas soldados daquele modo, e, portanto, também não trataria os operários iraquianos dessa maneira (MOORE, 2004, p. 74-75).

Sendo assim, pode-se observar que de fato havia um descaso com a população que eles haviam sido, supostamente, enviados para proteger. Joseph finaliza o e-mail afirmando não saber mais pelo que ele estava lutando (MOORE, 2004, p.75).

Ainda dentro desse contexto, além de mostrar um descaso com as vidas iraquianas, muitos soldados questionaram se os civis iraquianos estavam sendo realmente libertados. O e-mail do soldado Keith Pilkington, enviado em julho de 2004, ilustra esse ponto. Keith afirmou que os iraquianos não foram libertados quando Saddam foi deposto e continuam sem liberdade, pois foram obrigados a aceitar um governo democrático que foi imposto. Nas palavras de Pilkington:

Devemos todos nos orgulhar. O nosso direito à propriedade iraquiana está garantido. Viva a liberdade! Aqueles que questionam meu patriotismo diriam que, agora, o Iraque está livre. O povo tem seu próprio governo. Eu diria que os iraquianos têm um governo instituído com o consentimento dos norte-americanos e impostos pelas tropas norte-americanas, que podem entrar livremente na casa de qualquer cidadão iraquiano. As forças iraquianas deveriam estar garantindo liberdade ao povo iraquiano. Viva a liberdade. (MOORE, 2004, p. 58).

Muitos soldados também enfrentaram momentos de grande desencantamento ao perceberem que não estavam lutando pela nação. A carta do soldado Jay, enviada em agosto de 2004, nos serve de exemplo para este ponto. Jay afirmou que jurou proteger o país de inimigos internos e externos, mas que Bush, ao iniciar aquela guerra, estava indo contra todos os valores norte-americanos, pois o presidente agia "...por causa de ganância e poder, pisando naqueles que esperavam que [os EUA] levasse este país na direção certa". Além disso, referiu-se a Bush como o verdadeiro terrorista da situação, afirmando que ele "...comprometeu a confiança e a segurança de cada norte-americano deste grande país, utilizando políticas sujas para amedrontar e trapacear todos os norte-americanos" (MOORE, 2004, p. 77)

Além disso, em várias cartas podemos observar a resistência organizada pelos iraquianos contra a presença norte-americana em seu território. O soldado Anthony

Pietsch encaminhou seu relato em agosto de 2004, no qual retratou essa resistência e o medo que sentia por sua vida. Pietsch escreve:

A resistência iraquiana era insana. Passei muitas noites deitado sem dormir, após descargas de morteiros terem atingidos áreas bem próximas, alguns chegando perto o bastante para lançar pedras contra minha barraca. Vi bombas de estrada estourar por toda parte, iraquianos tentando abalroar a lateral de nosso veículo. Crianças pequenas nos mostrando o dedo do meio e jogando pedras nos soldados nas torres blindadas... O sentimento primordial por todo o Iraque parece ser de hostilidade. Aparentemente, as únicas pessoas que tentam ser amigáveis são as que mendigam à beira das estradas, ou os iraquianos pobres que vendem bugigangas e a nova moeda iraquiana (sobre a qual proclamam abertamente não confiar) do lado de fora das bases (MOORE, 2004, p. 46).

Entretanto, apesar de tantas controvérsias, há neste compilado de cartas soldados que defendiam Bush e a legitimidade da guerra por acreditarem que de fato estavam combatendo o terrorismo e o ditador Saddam Hussein. Eles também escrevem a Michael Moore ou são relatados por colegas que não concordam com essa guerra. Um exemplo a ser notado é o e-mail enviado de forma anônima à Moore, em julho de 2004, no qual o soldado afirma que é marinheiro e que “apoiar[á] e defender[á] a Constituição dos Estados Unidos da América e obedecerei às ordens daqueles designados acima de mim” (MOORE, 2004, p. 83).

Outro exemplo observado é o do relato fornecido pelo oficial Edward Dalton, enviado em março de 2004, no qual relatou que grande parte do seu regimento, mesmo sofrendo na mão de Bush, o defendia, acreditava na guerra e que seguiria votando nele (MOORE, 2004, p. 83). Um outro relato interessante foi o concedido anonimamente por um comandante de pelotão, o qual relatou que durante a guerra e o período de um ano que ficou no Iraque era à favor da guerra, mas que mudou de opinião apenas algum tempo depois de voltar pra casa. Em suas palavras:

Falei para eles que Saddam Hussein era um ditador cruel que representava uma séria ameaça à nossa segurança nacional e à paz mundial, em grande parte devido à posse que tinha de armas de destruição em massa. Disse-lhes que tínhamos certeza de que ele as possuía, e iríamos capturar essas armas para que ele não pudesse matar ninguém com elas (MOORE, 2004, p. 66).

Desse modo, tendo em vista o exposto é possível observar que relatos individuais e as variadas vivências das pessoas expressam uma realidade diferente da que é comumente aceita, e pode afetar a forma como as pessoas olham e interpretam os diferentes conflitos.

4.2 Civis iraquianos

“A conquista da terra, o que na maioria das vezes significa tomá-la daqueles que tem compleição diferente ou narizes levemente mais achatados que o nosso, não é algo bonito quando se olha demais pra ela.” (CONRAD,2021, p. 30)

Com o intuito de analisar as percepções iraquianas acerca do conflito, o livro do autor Mark Kukis “Voices from Iraq: A People's History, 2003–2009” foi o que nos serviu de base para a coleta e avaliação de relatos, obtidos por ele através de entrevistas realizadas quando serviu de correspondente em território iraquiano para a revista Times. Kukis (2011) afirma que no outono de 2006 era quase impossível fazer entrevistas com o povo iraquiano, em Bagdá, por conta da intensa violência que o país ainda estava inserido e que a presença de segurança com ele não era proteção suficiente.

Os relatos fornecidos por Kukis tem o intuito de mostrar o ponto de vista dos civis iraquianos através de seus valores, suas realidades sociais, seus sentimentos e seus próprios julgamentos. As entrevistas reúnem narrativas a partir do momento que as tropas norte-americanas chegaram ao Iraque, os acontecimentos que se desenrolaram a partir disso e de que forma foram recebidos pelos iraquianos. Grande parte dos relatos contém um grande sentimento de tristeza e raiva em relação à Guerra do Golfo, ocorrida em 1991, além de um sentimento de desrespeito com os iraquianos, sua religião e com a qual suas cidades foram tratadas pelas tropas. Ainda, é possível notar uma grande revolta perante os norte-americanos por estes se sentirem no direito de interferir na política iraquiana. Nesse sentido, apesar de Kukis ressaltar que a maior parte dos relatos contenham a opinião política e social vigente na época, que era majoritariamente de descontentamento, há alguns relatos que veem a intervenção norte-americana de forma positiva. Existe também aqueles que mesmo não aprovando Saddam Hussein preferiam lidar com ele a lidar com um estrangeiro. Por fim, alguns relatos também retratam a resistência iraquiana e os sentimentos de alguns soldados iraquianos (KUKIS, 2006).

Um dos primeiros relatos que foram analisados é o de Abu Ali, um xiita devoto de 30 anos. Abu relatou que vivia pacificamente com sua esposa e suas duas filhas antes da invasão. Ele era dono de uma loja nas ruas de Bagdá e alguns dias depois que os soldados norte-americanos chegaram, com medo de possíveis bombardeios, Ali decidiu levar sua família para Karbala, no sul do país. Apesar de admitir que estava ansioso pela chegada dos norte-americanos, Ali tinha um ressentimento pelo ocorrido em 1991 e, com o passar da intervenção de 2003, se arrependeu de acreditar que os estadunidenses poderiam ajudar. Após 10 dias de sua chegada a Karbala, ele foi visitar o santuário de

Imam Hossain⁸ e notou a presença de tropas estadunidenses na região soltando bombas e dando tiros para amedrontar os iraquianos. O comandante das tropas se aproximou de Ali com um intérprete e explicou a situação no santuário. De acordo com seu relato, Ali apelou afirmando que no santuário existiam apenas civis desarmados, os quais não eram ameaça aos soldados estrangeiros. Diante desta fala o comandante pareceu concordar em recuar. Entretanto, alguns minutos depois um tanque avançou na região e cerca de 40 iraquianos, incluindo Ali, formaram uma parede humana para impedir a entrada dos norte-americanos no santuário e dispararam insultos contra eles. Nas palavras de Ali, “nenhum de nós ali, naquele momento, tenho certeza de que nenhum de nós conhecia os americanos como nada mais do que inimigos estrangeiros e cruéis, que queriam nos matar ali mesmo na rua”⁹ (KUKIS, 2006, p. 12). Ali relata que em minutos tudo virou uma grande confusão e mais tanques chegaram e acabaram invadindo o santuário, fato que o deixou incrédulo e não podia acreditar no tamanho do desrespeito e da violência a que estavam sendo submetidos. Em suas palavras:

Como eles podem ter descumprido sua promessa se movendo em direção ao santuário que eles juraram que não iam? Que tipo de pessoa iria forçar um impasse com civis desarmados? Como eles poderiam insultar nossa dignidade ameaçando um lugar tão sagrado bem na nossa frente? Somos seres humanos, afinal. Não somos?¹⁰ (KUKIS, 2006, p. 12) Tradução nossa.

É possível observar, pelo relato de Ali, o sentimento de profunda tristeza e desrespeito que ele sentiu, chegando mesmo até a se questionar se as tropas estrangeiras os viam como humanos. Por fim, Abu Ali se juntou ao exército Mahdi¹¹ e passou a integrar a resistência iraquiana que visava livrar o Iraque da ocupação norte-americana.

Um exemplo de sentimentos conflitantes pode ser observado no relato do soldado Gassan Abdul Wahedine, que estava servindo como cabo em 2003. Gasan afirmava não ter nada contra Saddam Hussein, apesar de temer ele e seu partido, mas que também não via como uma intervenção estrangeira poderia ser de alguma forma benéfica ao povo iraquiano. De acordo com o relato de Wahedine:

Para ser honesto, olhando para eles, não senti vontade de lutar. Talvez você pense que fui um mau soldado por me sentir assim, mas não tive vontade de

⁸ Mesquita localizada em Karbala, no Iraque. A mesquita é local de sepultamento de Hossain ibn Ali, o terceiro imã do islamismo xiita

⁹ No original: “None of us standing there I’m sure had ever really known Americans as anything other than ruthless foreign enemies who, as far as we understood, were willing to kill us all right there in the street” (KUKIS, 2006, p. 12)

¹⁰ No original: “How could they have broken their promise by moving toward the shrine after they vowed they wouldn’t? What kind of people would force a standoff with unarmed civilians? How could they insult our dignity by threatening such a holy place right in front of us? We are human beings, after all. Aren’t we?” (KUKIS, 2006, p. 13)

¹¹ É um grupo paramilitar iraquiano criado pelo clérigo xiita Muqtada al-Sadr em junho de 2003.

machucar nenhum daqueles americanos que vi. Saddam Hussein nunca me machucou pessoalmente ou a minha família, mas eu sabia como ele feriu tantos outros iraquianos. E era difícil para um jovem ver um futuro no país. Não havia empregos. Não havia oportunidades. Qual o sentido de lutar por isso? E mesmo se lutássemos, mesmo se ganhássemos e expulsássemos os americanos, nenhum de nós que lutasse jamais veria qualquer benefício por isso. Qualquer coisa boa no país ia para Saddam¹² (KUKIS, 2006, p. 15). Tradução nossa

Gassan, por fim, abandonou a vida de soldado e foi viver como civil com sua família em Bagdá, onde passou a escrever para uma revista universitária.

Outro exemplo a ser notado é o relato de uma mulher, Frhama Abdul Kareembas, que morava em Zafaraniya, uma região de Bagdá. Frhama afirma que viver no governo de Hussein era como “...tentar respirar embaixo d'água”, mas, que preferia viver no regime dele a se “submeter” aos estrangeiros. Como apontou Kareembas:

Claro que estávamos ouvindo rádio. Ouvimos em muitas estações que Bagdá havia caído e a era de Saddam Hussein havia acabado. Chorei lágrimas amargas, porque sabia que dias piores viriam. Viver no tempo de Saddam Hussein era como tentar respirar embaixo d'água. Ele destruiu meus sonhos. Tirei boas notas no ensino médio e queria me formar em engenharia. Mas os filhos dos mártires das guerras de Saddam sempre foram os primeiros da fila para os programas e, no final, não consegui nada. Mesmo com todas as coisas ruins que Saddam fez aos iraquianos, porém, tenho que admitir que ele foi muito eficaz como líder. E eu sabia que o que estava por vir seria pior¹³ (KUKIS, 2006, p. 23-24). Tradução nossa

A entrevista de Frhama é um dos vários exemplos que ilustram que muitos iraquianos não aprovavam o regime de Saddam Hussein, mas preferiam que ele continuasse no poder a ter um governo imposto por estrangeiros.

Um exemplo de um iraquiano que recebeu bem a intervenção foi o caso de Farid Hadi Abdul Zahra, um aprendiz de estofador de Bagdá. Zahra afirma que nunca nem havia considerado a possibilidade de alguém poder contestar o governo de Hussein. Segundo ele:

¹² No original: “To be honest, looking at them, I felt no urge to fight. Maybe you will think I was a bad soldier for feeling that way, but I didn't have the will to hurt any one of those Americans I saw. Saddam Hussein never personally harmed me or my family, but I knew how he hurt so many other Iraqis. And it was hard as a young person to see a future in the country. There were no jobs. There were no opportunities. What's the point in fighting for that? And even if we did fight, even if we won and drove out the Americans, none of us who did the fighting would ever see any benefit for it. Anything good in the country just went to Saddam” (KUKIS, 2006, p. 15). Tradução nossa.

¹³ No original: “Of course we were listening to the radio. We heard on a lot of stations that Baghdad had fallen and the era of Saddam Hussein was over. I cried bitter tears, because I knew worse days were coming. Living in the time of Saddam Hussein was like trying to breathe underwater. He destroyed my dreams. I had good marks in high school and wanted to go on for a degree in engineering. But the sons of the martyrs for Saddam's wars were always first in line for the programs, and in the end I got nothing. Even with all the bad things Saddam did to Iraqis, though, I have to admit he was very effective as a leader. And I knew what was coming would be worse.” (KUKIS, 2006, p. 23-24). Tradução nossa.

Nunca ousamos sonhar que alguém removeria Saddam Hussein. Quando eu falava contra Saddam até com minha família, eles me mandavam calar a boca, porque nunca se sabe quais paredes têm ouvidos. Então, sim, fiquei feliz em ver os americanos invadirem...¹⁴ (KUKIS, 2006, p. 27)

Além dele, podemos citar o relato do dono de uma granja, Ali Al-Shaheen, que alegava ter sentimentos mistos em relação à intervenção norte-americana, pois estava feliz com a invasão que derrubaria Saddam, mas tinha medo da realidade futura do Iraque e de seu povo. Shaheen alega:

Alguns disseram que seria uma virada para melhor. Outros disseram que o país iria se desintegrar. Eu tinha sentimentos mistos sobre isso. Às vezes eu ficava feliz com a ideia de os americanos virem e derrubarem Saddam. Às vezes eu me preocupava muito com o futuro¹⁵ (KUKIS, 2006, p. 31)
Tradução nossa

4.3 Diferenças de realidades de uma única guerra

“Podemos muito bem chamá-los de bárbaros com relação às regras da razão, mas não com relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie” (MONTAIGNE, 2010, p. 151)

Após a leitura de relatos de cidadãos iraquianos e soldados norte-americanos, é necessário que seja feita uma análise contrapondo as realidades apontadas nos relatos fornecidos. Primeiramente, no que diz respeito aos soldados norte-americanos que forma contrários à intervenção, existe um grande sentimento de revolta por se sentirem enganados pelo governo Bush, tendo em vista que a maioria deles acreditava que estava de fato garantindo a segurança de seu país, de seu povo e talvez até mesmo do mundo ao combater um governo autoritário que possuía armas de destruição em massa, como supostamente era o de Saddam Hussein.

Uma outra constatação que pode ser observada é que muitos deles também acreditavam que estavam realmente indo salvar o povo iraquiano, que seriam recebidos de bom grado e que, ao depor o governo de Hussein, os iraquianos estariam livres e agradecidos. No entanto, a realidade para estes/as soldados foi bastante diferente, o que chocou muitos deles/as. Os/as soldados entraram em contato com uma dura realidade,

¹⁴ No original: “We never even dared to dream that someone would remove Saddam Hussein. When I used to talk against Saddam even to my family they would tell me to shut up, because you never know which walls have ears. So, yes, I was happy to see the Americans invade” (KUKIS, 2006, p. 27)
Tradução nossa.

¹⁵ No original: “Some said it would be a turn for the better. Others said the country would break up. I had mixed feelings about it. Sometimes I was happy about the idea of the Americans coming and bringing down Saddam. Sometimes I would worry a lot about the future” (KUKIS, 2006, p. 31)

na qual puderam perceber que além de não serem bem recebidos, sua presença não era desejada. Ainda, várias resistências iraquianas armadas tomaram forma com o intuito de expulsá-los do território. Entretanto, mesmo com este choque de realidade e o entendimento do outro como alguém diferente do esperado, o choque dos soldados parece ter sido maior pela sensação de terem sido ludibriados pelo seu próprio governo, do que pelo mau recebimento em terras estrangeiras.

Já no caso dos civis iraquianos, a situação pode ser analisada a partir dos impactos do imperialismo na região. Segundo Fanon (1961), para compreender o imperialismo é necessário analisar os acontecimentos a partir da perspectiva do homem colonizado e não das potências capitalistas e colonizadoras, tendo em vista que estas colocam seu modo de vida como correto, bem como aquele a ser almejado e que o diferente, o que não aceita ou que resiste a "civilização" seria o inimigo. Desse modo, é possível observar, através da leitura das entrevistas dos civis iraquianos, que existiu um sentimento de grande incômodo e rancor por terem sua cultura desrespeitada, seu território invadido e seu povo marginalizado por conta da imposição de tropas norte-americanas em seu país.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa supracitada analisou relatos de soldados estadunidenses, com o intuito de entender suas percepções em relação ao governo Bush, aos motivos fornecidos por este para a intervenção no Iraque e ao relacionamento dos soldados com o povo iraquiano. Com isso, pudemos perceber tanto seus desencantamentos com a missão quanto com suas realizações patriotas e de “defesa da democracia”. Além disso, a pesquisa averiguou também as narrativas do ponto de vista dos civis iraquianos para assim poder não só compreender os acontecimentos a partir de uma perspectiva diferente da comumente abordada, como contrapor tais relatos com a perspectiva estadunidense e observar possíveis ambiguidades, tendo em vista as diferentes realidades individuais. Com isso, foi possível também percebermos que a opinião popular iraquiana não era unânime, existindo tanto civis a favor da ocupação quanto outros enfaticamente contrários.

Para realizar a análise proposta, algumas discussões se fizeram necessárias, como a consideração da política externa dos Estados Unidos no governo Bush, uma contextualização sobre o Iraque pré-intervenção e, principalmente, uma discussão sobre o papel dos indivíduos nas relações internacionais. Dentro desse contexto, ressaltamos a importância das percepções e vivências individuais para o internacional, ou seja, a consideração das experiências individuais como fonte analítica, algo que é pouco presente no âmbito das Relações Internacionais.

Conforme o supracitado, a literatura sobre a intervenção dos Estados Unidos no Iraque é bastante extensa. Diversos autores e autoras se debruçaram sobre esta iniciativa de política externa norte-americana para melhor compreendê-la, como é o caso de Kissinger (2003), Cunha (2009), dentre outros. Entretanto, a invasão também contou com críticos persistentes. Um exemplo notável é o do filósofo e ativista político Noam Chomsky, que afirmou que a invasão do Iraque foi “...o pior crime deste século” (INVASÃO AO..., 2015). Além de afirmar que o interesse dos Estados Unidos na invasão nada tinha a ver com terrorismo e armas de destruição em massa, Chomsky apontou que os objetivos da intervenção estavam vinculados a interesses políticos e econômicos. Para o autor, os EUA (2003) “...não quer[iam] apresentar provas convincentes de que o Iraque possui[a] armas de destruição maciça porque quer[iam] poder atuar sem as ter”, garantindo assim sua influência no Oriente Médio e expandindo sua área de influência militar e economicamente.

De todo modo, muito dessa literatura não considera as percepções individuais como fonte fundamental para apreender opiniões sobre a intervenção. Sendo assim, para o entendimento completo do panorama referido, foi de suma importância que os relatos individuais de iraquianos e de soldados norte-americanos enviados do campo de batalha fossem analisados minuciosamente em busca de suas opiniões, percepções e receios, contribuindo para uma abordagem que vá para além do âmbito estatal e que acaba por impactar também o campo internacional.

A pesquisa analisou 71 entrevistas e cartas de civis e figuras públicas iraquianas, coletadas pelo autor Mark Kukis, correspondente da revista Times no Iraque durante a guerra, período em que coletou os relatos apresentados em seu livro. Eles foram analisados profundamente, com o intuito de fornecer de forma abrangente as opiniões iraquianas, que apesar de muitas vezes entrarem em consenso, não eram unânimes. (KUKIS, 2011 p. 8.). Em contraposição, existiam aqueles que não só queriam a presença dos norte-americanos, como ficaram felizes com a invasão (KUKIS, 2011, p. 26).

Além desta obra, foi utilizado o livro do cineasta e escritor Michael Moore, intitulado “Cartas da Zona de Guerra”, o qual nos forneceu 107 entrevistas e cartas dos soldados estadunidenses no fronte. Moore indica que, desde o início da guerra, a mídia norte-americana entrou “em ação”, buscando representar os soldados norte-americanos como os grandes defensores que tirariam os bandidos do Iraque e levariam bondade e democracia ao país. Entretanto, essa imagem criada e a realidade muitas vezes não entraram em consenso (MOORE, 2004, p. 15).

Como já esmiuçado no capítulo de análise dos dados, tem-se, de uma maneira geral, uma concepção pré-estabelecida de que os iraquianos haviam sido complacentes com a intervenção norte-americana e que haviam se inserido nesse processo de forma pacífica e cooperativa, concepção que a pesquisa realizada mostrou ser equivocada e ilustrou a necessidade de considerar diversas realidades para a construção da visão internacional acerca de conflitos.

Entretanto, apesar de a pesquisa ter sido bastante ampla e ter considerado vários pontos de vista, ainda é possível desenvolvê-la mais. Em pesquisas futuras, pretendemos propor essa e outras análises a serem feitas, em que poderemos abordar a diferença da realidade que homens e mulheres enfrentaram nas respectivas situações, tanto mulheres soldadas e seus enfrentamentos dentro do exército, quanto civis iraquianas, vivendo sob a realidade e o medo de uma violência sexual que existe na maioria esmagadora dos

conflitos. Somado a isso, a realidade das crianças também é um elemento que carece de maior investigação por outras pesquisas, levando em consideração o que elas lembram do conflito, de que forma foram tratadas, como o conflito afetou sua vivência familiar e impactou seu acesso à escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A INVASÃO AO Iraque** foi o pior crime deste século. Instintos Humanos Unisinos, 2015. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/548378-a-invasao-ao-iraque-fo-i-o-pior-crime-deste-seculo-afirma-chomsky>>. Acesso em: 11 de maio de 2022
- A LOOK AT U.S. Deaths in the Iraq War**. The Washington Post, 25 de out de 2005. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/10/25/AR2005102501190.html>> Acesso em: 21 out. 2022.
- ACUTO, Michele. **Everyday international relations: Garbage, grand designs, and mundane matters**. International Political Sociology, 2014, v. 8, p. 345–362.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]**. 1999, n. 47 [Acessado 16 Setembro 2022], pp. 201-246. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>>. Epub 05 Ago 2010. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>.
- AL-SHAWI, Nasser. **Burning libraries in Baghdad: the unexpected destruction of cultural heritage after the war of 2003**. Disponível em: <https://www.academia.edu/attachments/32294424/download_file?st=MTQ0ODIyMzIzMCwxODYuMjEzLjEzNC4yMTIsMTU5NDcyMTk%3D&s=swp-toolbar>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ALLISON, Graham. **A caminho da Guerra: Os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da armadilha de Tucídides?** 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- ARRAES, Virgílio Carreta. Guerra do Golfo: a crise da nova ordem mundial. **Revista Brasil Política Internacional**, v. 47, p. 112-139, 2004.
- BAILEY, Martin. After the looting was over: one year after the Iraq war, the damage to the country's National Museum is still being assessed. **Apollo**. v. 159, n. 507, p. 38-41, 2004.
- BONFIM, Marcelo. **A guerra do Iraque: o olhar dos soldados estadunidenses e suas angústias no front**. IFPR, 2015.
- BUSH, G. W. Address to the United Nations General Assembly. In: **Selected Speeches of President George W. Bush: 2001 – 2008**. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf> Acesso em : 10 de abril de 2022
- _____. Address Before a Joint Session of the Congress on the State of the Union. Washington, 29 jan. 2002a. The White House. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=29644&st=iraq&st1=>>> Acesso em: 10 de abril de 2022
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O gigante fora do tempo: A guerra do Iraque e o sistema global. **Política Externa** v. 12, n. 1, p. 43-62, 2003.
- BRIGDEN, Noelle; MAINWARING, Cetta. Subversive Knowledge in Times of Global Political Crisis: A Manifesto for Ethnography in the Study of International Relations. **International Studies Perspectives**, 2002, v.23, p. 191-208
- CAMPBELL, David. Poststructuralism. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve (Ed.). **International relations theories: discipline and diversity**. 3th Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 223-246.

- CASTELO BRANCO, Guilherme. **Terrorismo de Estado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Thiago Rodrigues
- CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. 1.ed. Brasília: FUNAG, 2012.
- CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- CHOMSKY, Noam. **Mídia: Política propaganda e manipulação**. 1.ed. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2013.
- CLARK, Wesley K. **Vencer as Guerras Modernas: Iraque, Terrorismo e o império Americano**. 1.ed. Lisboa: Temas e Debates, 2004.
- CONSELHO DE SEGURANÇA da ONU** discute resolução sobre Iraque. Folha online, 2002. Disponível em :<
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u21308.shtml>>. Acesso em: 23 de abril de 2022
- CORNETTA, Carl. **The wages of war: Iraqi Combatant and Noncombatant Fatalities in the 2003 Conflict**. PDA Research Monograph, 2003.
- CROFT, Stuart and Vaughan-Williams, Nick. Fit for purpose? Fitting ontological security studies ‘into’ the discipline of international relations: Towards a vernacular turn. **Cooperation and Conflict**, 2017, v. 52, p. 12–30.
- CUNHA, Ciro Leal M. **da.Terrorismo internacional e política externa brasileira após o 11 de setembro**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.
- DELONG, Gen Michael. **Inside CENTCOM: the unvarnished truth about the wars in Afghanistan and Iraq**. 2004.
- DUTRA, Walkiria Zambrzycki. “Guerra ao Terror”: A (des)construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo. **Revista Estudos Políticos**, v. 6, n. 1, 2015.
- EDKINS, Jenny; PIN-FAT, Véronique. Through the Wire: Relations of Power and Relations of Violence. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 34, 2005.
- ENLOE, Cynthia. **BANANAS, Beaches. Bases**. Berkeley, Los Angeles, London, Universty, 1989.
- EUA NÃO PODEM recuar**. Folha online, 2003. Disponível em:
 <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1102200307.htm>>. Acesso em : 13 de maio de 2022
- FAY, Cláudia Musa. **A questão do petróleo e suas implicações na Guerra do Iraque**. PUCRS, 2003.
- FULLER, John Frederick Charles. **A Conduta da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- FINLAN, Alastair. **The Gulf War 1991**. Oxford: Osprey Publishing, 2003, 95 p.
- FUSER, Igor. **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas. São Paulo, 2005.
- GËZIM, Visoka. **Democratizing Transitional Justice in Kosovo**. PAX, Integra and New Social Initiative (NSI), 2020.
- GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Oxford, Oxford University Press, 1989.
- GRAF, Garrett. **O único avião no céu: Uma história oral do 11 de setembro**. São Paulo. 1 ed. Todavia, 2021.
- GREMAUD, Amaury Patrick; Fernandes, Maria Fernanda Lombardi. **Depois do choque e do pavor: reflexões acerca da Guerra do Iraque**. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 21-36, 2003.
- GUERRA DO IRAQUE**, 15 anos depois: as frases-chave que justificaram o conflito. BBC News Brasil. 25 de março de 2018. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43479249>>. Acesso em 25 de out de 2022.

HOAGLAND, Jim. **STOPPING SADDAM'S DRIVE FOR DOMINANCE**. The Washington Post, 5 de ago de 1990. Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1990/08/05/stopping-saddams-drive-for-dominance/2996a9d5-275b-4c9f-89f8-7fa817cf7600/>> . Acesso em 20 de ago de 2022.

HOFFMAN, Stanley. An American Social Science: International Relations. **Daedalus**, v. 106, n. 3, Discoveries and Interpretations: Studies in Contemporary Scholarship, Volume I (Summer, 1977), pp. 41-60. Disponível em: <<https://www.amherst.edu/system/files/media/0084/Hoffman.pdf>>

HOLLIS, Martin and STEVE, Smith. A Response: Why Epistemology Matters to International Theory. **Review of International Studies**, 1996, v. 22 , p.111–16

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem**. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1996

IRAQ COALITION CASUALTY count. Period 1. 20 de março de 2003. Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20080409060431/http://www.icasualties.org/oif/SumDetails.aspx?hndRef>>=. Acesso em 22 de out de 2022

IRAQUE: A GUERRA que espalhou violência e crises pelo mundo. BBC NEWS BRASIL, 9 de nov de 2021. Disponível em

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351024>> Acesso em 25 de out de 2022.

KALDOR, Mary. **Global civil society: an answer to war**. Cambridge: Polity Press, 2003.

KAUFMANN, Chaim. Threat Inflation and the Failure of the Marketplace of Ideas: the selling of the Iraq war. **International Security**, United States, v. 29, n. 1, p. 5–48, 2004.

KATZENSTEIN, Peter. **The Constructivist Turn in International Relations Theory**. Princeton Institute for International and Regional Affairs, 1996.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. 1.ed. São Paulo: EDUSC, 2001

KEOHANE, Robert O. International Institutions: Two Approaches. **International Studies Quarterly**, v. 32, 1988.

KISSINGER, Henry. **Para que o Mundo Não Volte ao Século XIX**. Folha de S. Paulo, v. 13, n.4, 2003.

KUKIS, Mark. **Voices from Iraq: A People's History, 2003–2009**. 1.ed. Columbia University Press, 2011.

LAGE, Victor Coutinho. “Sociedade Civil Global”: Agentes Não Estatais e Espaço de interação na Sociedade Política. **Contexto Internacional**. 2012, p. 151-188.

LIE, Jon Harald Sande. Challenging Anthropology: Anthropological Reflections on the Ethnographic Turn in International Relations. **Millennium: Journal of International Studies**, 2013.

LOUSADA, Teor Abílio. **A Guerra do Golfo de 1991 (A Campanha Terrestre)**. 52 diapositivos, 2008.

MAC GINTY, Roger. Where is the local? Critical Localism and Peacebuilding. **Third World Quarterly**, v. 36, n.5, p. 763-783, 2015.

MACIEIRA, Maj Inf Carlos. **A Guerra do Iraque 2003**. A Campanha. Lisboa, Instituto de Estudos Superiores Militares, TILD CEM, 2005.

- MONTISION, Jean Michael. **Research (Im) possibilities: Reflections from Everyday International Relation.** University of Winnipeg, v. 7, n. 2, 2010.
- MONTISION, Jean Michael. **A critique of everyday international relations: The case of cultural pluralism in Singapore and Vancouver.** Environment and Planning D: Society and Space, 2012, v.30, n. 5, p. 930–946.
- MOORE, M. **Cartas da Zona de Guerra: algum dia voltarão a confiar na América?** São Paulo: Francis, 2004.
- MOSELEY, Tim Michael. **Operation Iraqi Freedom: By the Numbers Assessment and Analysis Division.** USCENTAF, 30 April 2003.
- MOTTA, Bárbara. **Securitização e política de exceção: o excepcionalismo internacionalista norte-americano na segunda guerra do Iraque.** 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas de Pós-graduação em Relações Internacionais, 2014.
- NASSER, Reginaldo. **A LUTA CONTRA O TERRORISMO: Os Estados Unidos e os amigos Talibãs.** 1.ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.
- NOEL, Pierre. **Les Etats-Unis et le pétrole de Rockefeller à la Guerre du Golfe.** Questions Internationales, n. 2, 2003. Disponível em: www.upmf-grenoble.fr/iepe/textos.PN-US-2002.pdf
- NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- ONUF, Nicholas Greenwood. **World of our making: rules and rule in social theory and International Relations.** Columbia: University of South California Press, 1989.
- ONUF, Nicholas Greenwood. **The Strange Career of Constructivism in International Relations. In: WORKSHOP (Re)Constructing Constructivist International Relations Research.** Center for International Studies University of Southern California, p. 6-21, 2001
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos: Hegemonia e Liderança na Transição.** Porto Alegre: Editora Vozes, 2003
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. O momento da Verdade. **Meridiano 47.** Journal of Global Studies; V. 11, N. 120 (Ano 2010). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/1481>.> Acesso em: 24 abril 2022
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Estados Unidos e o século XXI.** 1.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- PINTO, Cristiano Otávio Paixão Araújo. **A reação Norte-Americana aos atentados de 11 de setembro de 2001 e seu impacto no Constitucionalismo Contemporâneo: um estudo a partir da teoria da diferenciação do Direito.** Tese de Doutorado em Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2004, 447 p
- PRINCE, Stephen. **True Lies: Perceptual Realism, Digital Images, and Film Theory.** University of California Press, 1993.
- RAI, Milan. **War Plan Iraq: tem reasons against war on Iraq.** Londres: Reino Unido, 2002.
- RAI, Milan. **Iraque: Plano de Guerra.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- RIPLEY, Tim. **Air War Iraq. Pen & Sword Aviation,** 2004.
- SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 11 de setembro: do terror à injustificada, arbitrariedade e o terrorismo de Estado. **Revista de Sociologia e Política.** 2015, v. 23, n. 53, pp. 9-26.

SELIMOVIC, Johanna Manergren. Everyday agency and transformation: Place, body and story in the divided city. **Cooperation and Conflict**, v. 54, 2018.

SITE OFICIAL DA CASA BRANCA: President Bush discusses early transfer of Iraqi sovereignty.[Pronunciamento datado de 28.06.2004, O restabelecimento do controle ao Iraque]. Disponível em

<<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2004/06/20040628-9.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2022

SITE OFICIAL DA CASA BRANCA: President Delivers "State of the Union"

. [Pronunciamento datado de 28.01.2003, O Estado da União]. Disponível em

<<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/01/20030128-19.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2022

SITE OFICIAL DA CASA BRANCA: President Remarks at the United Nations General Assembly. [Pronunciamento datado de 12.09.2002, Comentários do Presidente na Assembleia Geral das Nações Unidas]. Disponível em

<<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/09/text/20020912-1.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2022

SOLOMON, Ty and STEELE, Brent. Micro-moves in international relations theory.

European Journal of International Relations, 2017, v. 23, p 267–291.

SYLVESTER, Christine. **Feminist Theory and International Relations in a Postmodern Era**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SYLVESTER, Christine. Art, abstraction, and international relations. **Millennium: Journal of International Studies**, 2001, v. 30, p. 535–554

TEIXEIRA, Francisco Carlos. **Como os EUA decidiram atacar o Iraque**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2005.

TILLY, Charles. Afterword: Political Ethnography as Art and Science. **Qualitative Sociology**, 2006, v. 29, p. 409– 12.

VRASTI, Wanda. The Strange Case of Ethnography and International Relations. **Millennium**, 2008, v. 37, p. 279-301.

WHERER, Margaret. **Anthropology and International Relations**. Oxford Research Encyclopedia of International Studies, 2019

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!** São Paulo. Boitempo, 2003.